

UMA VIAGEM NO ANTIGO BONDINHO DE BOM SUCESSO

Fábio Caputo nos estende outra passagem imaginária. E desta vez o "passeio" nos leva à Bom Sucesso dos anos 1930, quando um clássico bonde foi instalado e passou a circular por lá. "Conta-se em poucas dezenas o número de cidades que tiveram um sistema de bonde elétrico funcionando no Brasil. Bom Sucesso foi a menor cidade brasileira, talvez da América, a viabilizar esse empreendimento", explica o autor.

Página 3



Bonecas Abayomi: já ouviu falar nelas?

"Na versão popular, a história dessas bonecas começa nos navios negreiros. Ali, as mães, com suas filhas chorando nos colos e sem nada para distraí-las, rasgavam suas próprias vestes e saias; com as tiras de tecido, iam fazendo tranças e nós, confeccionando bonecas para entreter as crianças durante as longas e difíceis viagens dentro dos navios — como um amuleto de proteção e afeto".

págian 10



Conheça "o último Imperador"

O pai abdicou do trono e e deixou para o filho, de tenros cinco anos, a responsabilidade de tornar-se Príncipe Regente. Dez anos mais tarde o menino foi declarado "adulto" e coroado, então, como Imperador. Seu reinado se estendeu por quase cinco décadas e terminou, diz a História (vez ou outra contestada), com uma frase célebre: "Independência ou Morte!".

Página 14

Qual a fuça do inominável?

Capiroto, Sete Peles, Coisa Ruim, Cra-mulhão... Se tem alguém com fartura considerável de nomes e apelidos no Brasil é o tal do Demônio. Fica a dúvida, porém, sobre a aparência do traste. Mas dizem que um tal de Seu Américo, de São Tiago, consegue descrevê-lo. O motivo? Você descobre na

Página 20

Em 2023, o boletim *Sabores & Saberes* foi chancelado como "projeto que estimula e fomenta o desenvolvimento de uma sociedade sustentável por meio da Educação, Formação e Cooperação". O reconhecimento, de importância nacional, veio do Instituto Sicoob.



PREÂMBULO

HISTÓRIA PLURAL – OLHAR INOVADOR E MANIFESTAÇÕES AFROAMERÍNDIAS

A chamada “nova história” ou “micro-história” inova ao abordar/incorporar fatos históricos próximo da realidade – ou ainda aqueles defraudados, sonegados ao leitor, à sociedade – dado o contexto generalizado, positivista, manipulador próprios da história convencional. O estudo e o conhecimento da história local-setorial são formas dinâmicas, senão prazerosas de assimilação, reflexão e interpretação da realidade cronológica e evolutiva de cada contexto ou meio, com seus fatos, feitos, especificidades, particularidades ao que Peter Burke denomina “construção cultural variável no tempo e no espaço”⁽¹⁾.

A “nova história”, segundo o conceituado pensador Jacques Le Goff, ampliou, com seu olhar plural, o campo da documentação histórica, pois “substituiu textos e documentos escritos por uma história baseada na multiplicação de documentos e escritos de todos os tipos (...) documentos orais, estatísticos, curvas de preços, fotografias, filmes...”⁽²⁾.

Veja-se o diversificado panorama etnocultural brasileiro, – com as interseções europeia, africana e ameríndia – engendra riquíssimo acervo literário, histórico, antropológico, sociológico, axiológico ainda a ser desvendado, profusamente trabalhado. Assim, as culturas de matriz africana, por exemplo, compõem-se de bastante oralidade, denominadas “memórias subterrâneas”, por vezes opostas à memória ou ao pensamento oficial, que sempre busca excluir/desconsiderar minorias ou o que foge ao padrão eurocêntrico. É o que nos afirma M. Pollak⁽³⁾, ante o processo de se deslegitimar as manifestações populares, práticas religiosas pelo sistema dominante, olvidando e sufocando, há séculos, rituais, contextos e pensares afroameríndios.

Não nos conhecemos ainda como País, dada a exclusão de direitos de milhões de concidadãos, inexistência de oportunidades justas que façam prosperar a economia e a sociedade. Nossa história, nossa ancestralidade, em particular a afroameríndia, ainda nos são quase totalmente desconhecidas, um repertório com baixíssima informação e contextualização. Somos estereotipados, discriminados, excluídos, desdenhados – e o quanto, pois, a se pesquisar, a se conhecer no tocante às nossas raízes indígenas e africanas, tratadas de forma denegatória e negacionista até mesmo nos livros didáticos. Uma pesquisa recente da Consultoria McKinsey mostrou que se tivéssemos maior inclusão e igualdade racial e de gênero poder-se-ia duplicar o PIB global, cerca de US\$ 12 trilhões na economia.

A pluralidade de sons, dons, signos, narrativas, falares, saberes, fazeres, pensares, eis a alma nativa, a essência coletiva. Uma força poderosa, obstinada, resiliente que sobrepõe-se ao oficialismo despótico, retórico, irresponsável, emergindo das profundezas do tempo, redimensionando a história, quais nossas montanhas de magistral imponência, que guardam quão profundos segredo, pulsam e impulsionam-nos os sentidos de potencialidade, profundidade, identidade.

As religiões e crenças de matriz africana (afrobrasileira) detêm tradições e heranças milenares, transmitidas de geração a geração, ao lado de uma estrutura teológica complexa, constituída por símbolos, ritos, sincretismos, memória, ensinamentos, coreografias, musicalidade. Emanam vibrações de outros ritmos, às vezes com um toque de rebeldia, distinção. “A música é a linguagem materna de Deus. Aliás, foi isso que nem católicos nem protestantes entenderam que, em África, os deuses dançam. E todos cometeram o mesmo erro: proibiram os tambores. Na verdade, se não nos deixassem tocar os batuques, fariamos do corpo um tambor. Ou mais grave ainda, percutiríamos com os pés sobre a superfície da terra e assim, abrir-se-iam brechas no mundo inteiro” (Mia Couto, romancista moçambicano).

Todos ganhamos com a inclusão, com a equação da diversidade, a pluralidade, a coexistência, mesmo num mundo dominado pelas big techs, que sugam as emoções das massas, controlam dados, exploram o ódio, a ignorância, a desinformação, elegem políticos falastrões, ridicularizam aqueles que se regem pela sensatez, espiritualidade e ética – uma luta, ainda que estóica, a ser travada por todos contra a homofobia, a xenofobia, a misoginia, a tirania ideológica.

A expressão cultural pátria – com seu rico acervo de ordem popular – representa a essência de nosso País, nossa população, tradições, valores, raízes, conectando gerações, preservando nossa diversidade e conformidade nacional, formatando o homem brasileiro com sua generosidade, afetividade, empatia, por vezes simploriedade, onde pulsam grandes e impactantes magmas de ordem moral, espiritual, social. Mistér um diálogo com nossos subterrâneos, labirintos, nossa simbiose ancestral, fazendo com que nossa consciência cívico-cidadã se expanda, nos reconectando às nossas aldeias, eventos, talentos, sentimentos, matrizes, experiências, vivências que transcendem o tempo e nos configurem o grande e tão ansiado País de Todos os brasileiros!

NOTAS

1- In “A escrita da memória – Novas perspectivas” São Paulo, UNESP, 1992, p. 11

2- In “A História nova” São Paulo, Martins Fontes, 1993, p. 28

3- In “Memórias, esquecimento, silêncio” Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp 3/15, 1989

Adivinhas/Charadas



- 1- Qual a cara que te mete medo?
- 2- Qual é a voz mais desagradável?
- 3- Qual é o pai que nunca teve filhos?
- 4- Qual é a carta que não leva recado?

Respostas: 1) Carabina; 2) A voz de prisão; 3) O que só teve filhas; 4) A carta do baralho.

Provérbios e Adágios

- Quem mistura-se com porcos, farelo come.
- O pior cego é o que não quer ver.
- Passarinho que acompanha morcego acorda de cabeça para baixo.
- A afeição cega a razão
- A fome é a melhor cozinheira

Para refletir

- Refletir é desarrumar os pensamentos
(Jean Rostand)
- Pensar sem aprender torna-nos caprichosos, e aprender sem pensar é um desastre
(Confúcio)
- A persistência é o caminho do êxito
(Charles Chaplin)
- O fraco jamais perdoa: o perdão é uma das características do forte
(Mahatma Gandhi)

Neste Natal que a luz do amor e da paz brilhe na sua casa, e o Ano Novo traga muitos dias felizes e prósperos!

A Redação do Boletim Sabores e Saberes deseja a todos os seus leitores um Feliz Natal e um abençoado Ano Novo!

Expediente

O boletim é iniciativa independente, popular, voluntária. Assim, precisa do apoio de São Tiago e região; de pessoas comprometidas com o desenvolvimento e a preservação da memória coletiva. Contribua conosco! Somando esforços, multiplicamos Cultura e Tradição.

Comissão: Adriana Martins, Elisa Coelho, Fabiana Diéle
Coordenação: Ana Clara de Paula
Redação: João Pinto de Oliveira
Colaboração: IHG – São Tiago
Apoio: Fernanda Cristina de Sousa
Revisão: Fábio Caputo e Sandra Caputo
Jornalista Responsável: Marcus Santiago (MTB 19.262/MG)





Bonde em Belo Horizonte: www.em.com.br/bonde



Bonde em Bom Sucesso: www.tramz.com

VOU EM “BONCESSO” VER O BONDE

Por Fabio Antônio Caputo

Durante a primeira parte de minha infância consciente morei na Rua Serra Negra, Bairro Santo André, em Belo Horizonte. Duas circunstâncias não usuais marcavam aquele endereço. O prolongamento de nossa rua levava até o topo da Pedreira Prado Lopes, a mais antiga favela da capital mineira. Paralelamente, naquele ponto passava um bonde. Convivíamos bem com as duas situações. Àquela época a favela somente evocava malandragem e uma marginalidade leve, diferente do registro de crime e violência que viriam no futuro, e o bonde e seus trilhos de aço, um fascinante trambolho, era um transporte rápido e barato.

Fazendo coisas sem razão que meninos fazem eu brincava de pegar pedaços de reboco que caíam das paredes e colocá-los sobre os trilhos somente para ver as rodas reduzi-los a pó. Provavelmente isso era somente um reflexo do fascínio que aquela coisa produzia na gente. Parecia um fóssil metálico de uma criatura que a paleontologia esqueceu. Os humanos se acomodavam entre suas vertebbras abertas e dependuravam-se pelas laterais. Ele era movido à eletricidade, com hastes superiores para contato buscando energia em fiação instalada na via de trânsito. Antes da energia elétrica ele era puxado por burros.

Os bondes elétricos surgiram em 1902 na capital do estado sendo o modal de transporte mais importante até 1953, quando começaram a ser substituídos por trólebus, uma evolução mutante do próprio bonde, com carroceria de ônibus, pneus, mas usando o mesmo mecanismo elétrico para funcionar. As últimas linhas perduraram até 1963 quando o serviço foi finalmente desativado.

Se os primeiros bondes elétricos começaram a circular em São Paulo no ano de 1900, no Rio de Janeiro em 1982, em Belo Horizonte em 1902 ele chegaria a Bom Sucesso em 1930.

Analisando a história de Bom Sucesso, esse importante vizinho de São Tiago na região das Vertentes, é fácil reparar em algumas peculiaridades bem representativas. Uma, as dimensões e área do município, ou unidade administrativa, no início do século XX eram notáveis e impressionantes, sendo que inúmeras cidades da região se emanciparam via desmembramentos. Outra, a ocorrência de tremores de terra fortes o suficiente para assustar população desde o começo do século passado. Casos de pioneirismo também são relatados, e entre eles encontra-se a presença de uma linha de bondes elétricos como meio de transporte.

Conta-se em poucas dezenas o número de cidades que tiveram um sistema de bonde elétrico funcionando no Brasil. Bom Sucesso foi a menor cidade brasileira, talvez da América, a viabilizar esse empreendimento, seguida de Piraju, no interior do estado de São Paulo. Além de Belo Horizonte (a capital) e Bom Sucesso (o assunto em questão), pouco mais pode ser dito no âmbito do Estado de Minas Gerais: Juiz de Fora, Nova Lima, Além Paraíba, Lavras, talvez Campanha e Sacramento,

no sertão do Triângulo Mineiro, fazendo o papel de nota curiosa de pé de página.

Em 21/09/1930, com muita festa, foi inaugurado o sistema de bondes elétricos de Bonsucesso. O projeto foi viabilizado pela iniciativa do Prefeito Bento Mendes Castanheira, hoje nome de avenida e pertencente a uma família sempre constante na história local. O prefeito contou com a atuação e influência do engenheiro e futuro deputado Dr. Janot Pacheco, diretor da Estrada de Ferro Oeste de Minas (EFOM), experiente em projetos semelhantes. O município gerava sua própria energia elétrica na Cachoeira dos Machados, em quantidade que no futuro se mostrou insuficiente, levando à desativação do sistema em algum momento entre 1947 e 1950. Seu espólio foi vendido ou transferido para Lavras, nada sendo preservado.

O itinerário dos bondes iniciava-se na estação de trem da rede ferroviária da EFOM, seguindo até a Praça Benjamim Guimarães, o Santuário Diocesano de Nossa Senhora de Bom Sucesso e finalmente subindo pela via central da cidade, a Rua Otávio Carlos.

Tudo que algum dia já foi minimamente relevante em algum nível, quando atinge a condição de obsoleto desaparece, mas deixa referências, lembranças. Sempre houve uma ligação meio umbilical entre São Tiago e Bom Sucesso, sendo que nosso município foi criado em 1948 sobre terras desmembradas de nosso vizinho. Bom Sucesso, como polo de uma microrregião, atraiu a presença dos santiaguenses em assuntos de saúde, justiça, serviços, cartórios e educação sem esquecer os bailes de carnaval do Clube dos 70. Por este motivo é inesperada a ausência de referências ao bonde de Bom Sucesso, testemunhadas por nossa geração, nas interações e prosas de nossos parentes e conhecidos que viveram aquela época.

Obviamente e de imediato muitos se lembrarão da brincadeira ou jogo de palavras que circulava até algum tempo sobre o assunto. Caso uma pessoa perguntasse à outra “- Você vai aonde?”, a réplica imediata e marota seria “- Em Boncesso ver o bonde!”. Desse jeito mesmo: a pergunta é falha gramaticalmente, troca-se a posição do verbo e do advérbio para dar ritmo, e a resposta usa uma forma coloquial e compactada do nome da cidade.

Esse meio de transporte também nos legou o ditado popular “Perder o bonde” e seu derivativo “Perder o bonde da história”. O sentido de “Perder o bonde” é desperdiçar, não aproveitar uma chance ou oportunidade. “Perder o bonde da história” entrega uma conclusão mais dura e cruel ao definir aquele que ficou ultrapassado.

O calendário não se sensibiliza com sonhadores que gostariam de ter vivido essa época, ou outras, ou tenham o desejo tardio de ter visto esse animal mecânico extinto. A Prefeitura do Rio de Janeiro mantém uma linha turística de bonde ligando os bairros da Lapa e de Santa Tereza. Última alternativa para os que ainda querem se gabar de ter perdido ou não o horário do bonde. Vai depender.

80 ANOS DA POSSE DE DOM JOSÉ 1º BISPO DA DIOCESE DE OLIVEIRA (1945-2025)

Por Marcus Santiago
IHGST

O Papa Francisco proclamou o Jubileu da Esperança, ou Ano Santo de 2025, como um momento especial de graça oferecido pela Igreja Católica. Trata-se de um tempo voltado ao fortalecimento espiritual, à reconciliação e à vivência profunda e transformadora da misericórdia de Deus. Neste mesmo ano, recordamos também uma data muito significativa para a Diocese de Oliveira: a posse de seu primeiro bispo, Dom José Medeiros Leite, ocorrida em 8 de dezembro de 1945.

Dom José Medeiros Leite nasceu em 16 de novembro de 1898, na cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Era filho de João Leite de Oliveira e Maria de Medeiros Leite. Desde cedo, demonstrou vocação para a vida consagrada e, em sua terra natal, iniciou seus estudos no Colégio Santa Luzia. Posteriormente, ingressou no Seminário São Pedro, onde cursou Filosofia.

Na Catedral de Nossa Senhora da Apresentação, recebeu as ordens menores das mãos de Dom Antônio dos Santos Cabral, em 14 de novembro de 1920. No ano seguinte, prosseguiu sua formação e foi ordenado sacerdote na Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem, em Belo Horizonte, no dia 29 de maio de 1924, pelo mesmo bispo.

Foi capelão do Asilo Bom Pastor, em Belo Horizonte; vigário da Paróquia Santa Efigênia dos Militares; secretário particular do arcebispo e professor do Seminário. Atuou também como diretor do primeiro jornal católico da capital, *O Horizonte*, precursor de *O Diário*. Em 1928, assumiu como vigário da Paróquia Santa Efigênia, onde inaugurou a escola paroquial e a primeira conferência vicentina. Construiu e inaugurou as capelas de Nossa Senhora da Abadia (na Vila Independência), de Sant'Ana da Serra e de Nossa Senhora das Mercês (na Vila Paraíso). Promoveu a assistência religiosa aos soldados do 1º Batalhão da Polícia Estadual e introduziu esse mesmo serviço no Instituto Raul Soares.

Foi nomeado vigário (pároco) de Itapecerica, tomando posse em 1934, na festa de São Bento. Além de revitalizar a vida espiritual da cidade, realizou importantes obras sociais, como a construção de uma moderna e bem equipada Santa Casa de Misericórdia, uma maternidade, um lactário, um asilo de órfãos, a Vila Vicentina, uma escola de enfermagem e uma escola noturna. Fundou também o noviciado das Irmãs Batistas, que estabeleceram em Itapecerica sua primeira casa no Brasil.

Com autorização de Dom Cabral, Pe. José Medeiros retornou ao Rio Grande do Norte, em 1933, para acompanhar sua mãe, que se encontrava gravemente enferma. Naquele ano, exerceu o ministério como vigário na cidade de Acari. Após o falecimento da matriarca, regressou à Arquidiocese de Belo Horizonte.

Muito antes disso, ainda em sua infância, uma devoção marcante de seus pais foi transmitida a ele no momento do batismo. Na pia batismal, além da madrinha Theodora Maria de Jesus, teve como padrinho espiritual, por devoção, São Vicente de Paulo. Inspirado pelo exemplo do santo, ao longo de sua vida, Pe. José Medeiros dedicou-se com fervor a diversas ações em favor dos mais pobres e necessitados.

A nomeação de Dom José Medeiros Leite foi anunciada no dia 24 de agosto de 1945, pelas rádios da Capital Minei-

ra. No dia seguinte, 25 de agosto, a notícia chegou oficialmente à população de Oliveira por meio de um telegrama enviado por Dom Antônio dos Santos Cabral. O comunicado foi entregue a Monsenhor Vicente Soares.

Pe. Carvalho, então, convocou o povo para participar de uma missa solene em ação de graças, celebrada na catedral provisória — a antiga Matriz. Na ocasião, também foi enviado um telegrama de congratulações ao Pe. José Medeiros Leite, que se encontrava em Itapecerica.

Cheio de entusiasmo, Pe. Carvalho convocou, de imediato, uma reunião da Comissão Pró-Bispado no Fórum local, com o objetivo de organizar a recepção do novo bispo.

A sagração episcopal de Dom José aconteceu na Matriz de São José, em Belo Horizonte. A cerimônia foi presidida por Dom Antônio dos Santos Cabral, arcebispo da Capital, tendo como co-consagrantes Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, bispo de Uberaba, e Dom João Batista Portocarrero Costa, bispo de Mossoró.

O dia 8 de dezembro amanheceu com um clima especial em Oliveira. A cidade estava em festa, com cartazes homenageando seu primeiro bispo, Dom José Medeiros Leite, além de Dom Cabral e o Santo Padre Pio XII.

Dom José chegou acompanhado de uma numerosa comitiva: Monsenhor Leão Medeiros Leite, seu irmão; representantes de associações religiosas e das diversas classes sociais



de Itapecerica; e o Dr. Gorasil de Faria Alvim, juiz de direito e prefeito em exercício daquela cidade.

Durante todo o trajeto, Dom José recebeu calorosas e expressivas manifestações de carinho e reconhecimento.

Sua chegada a Oliveira aconteceu às 16 horas, na estação ferroviária, onde uma multidão se aglomerava para recebê-lo. Estavam presentes comitivas das paróquias da nova Diocese, estudantes e o grupo do Tiro de Guerra, todos reunidos para celebrar esse momento histórico.

Na recepção, muitas palmas ecoaram, acompanhadas pela bela apresentação da banda de música Lira São Sebastião de Oliveira, juntamente com as bandas de São Francisco e São João Batista. Fogos de artifício e o repicar dos sinos marcaram o momento, enquanto o prefeito de Oliveira, Cel. Armando Pinheiro Chagas, fez uma saudação calorosa ao novo bispo, convidando-o a cortar a fita simbólica das portas da cidade.

Em seguida, o cortejo seguiu em direção ao Palácio São José, onde Dom José se revestiria com as vestes episcopais.

De lá, a comitiva dirigiu-se até a porta da catedral, onde Dom José foi oficialmente apresentado ao povo pelo Dr. Cícero de Castro Filho. Às varas do pátio estavam os cidadãos mais ilustres de Oliveira.

Em seu discurso, o orador destacou a oportunidade e a beleza do lema episcopal de Dom José — *Lux et Vita* (Luz e Vida) — especialmente em um tempo marcado pela guerra, que destruíra tantas vidas. Ressaltou ainda a feliz coincidência de que, tanto no brasão do município de Oliveira quanto no da família do novo bispo, figura o ramo de oliveira — símbolo universal da paz.

Após beijar o crucifixo e aspergir o povo, Dom José foi incensado e dirigiu-se à Capela do Santíssimo Sacramento.

Ao som do canto “Ecce Sacerdos”, Dom José seguiu até o trono episcopal, onde proferiu a primeira oração litúrgica. O coro entoou, em seguida, uma antifona em louvor a Nossa Senhora. O Revmo. Pe. Orlando Machado realizou então a leitura da Bula de Nomeação — representando o ilustre arcebispo de Belo Horizonte —, tanto em latim quanto em português.

Encerrando esse momento solene, Dom José dirigiu-se ao povo, agradeceu pelas inúmeras homenagens e concedeu sua primeira bênção episcopal. Em ato contínuo, foi cantado o solo “Te Deum” diante do Santíssimo Sacramento.

Após a celebração litúrgica, Dom José foi recebido em um jantar íntimo, oferecido pela comissão pró-bispado que o homenageava. Estavam presentes: Dr. Djalma Pinheiro Chagas; Cel. Armando Pinheiro Chagas, prefeito municipal; Dr. Sílvio Cerqueira Pereira, juiz de direito; Dr. Lincoln Pena, representado pelo Dr. Paulo Menicucci Filho; Cel. Benjamim Guimarães; Dr. Gorasil de Faria Alvim; Dr. Flávio de Moraes; Dr. Geraldo de Carvalho; e Dr. Severo Augusto Filho.

Também participaram do jantar os membros da comissão: Dr. Jaime Pinheiro de Almeida; Dr. Sebastião Ewerton Curado Flury, representado por Nereu do Nascimento Teixeira; José Silveira; Júlia Ribeiro; e Antônio Nery de Abreu.

Assumi a Diocese com ideias inovadoras e um forte desejo de promover o crescimento espiritual, pastoral e social da região. Pelos méritos de seus serviços e atuação, foi declarado Cidadão Oliveirense pela Lei de 28 de maio de 1949, assinada pelo prefeito Athos Cambraia de Campos.

Dom José demonstrou desde o início grande sensibilidade aos problemas sociais, fruto de seus estudos de sociologia realizados ainda no Seminário de São Pedro, em Natal. Ciente das dificuldades enfrentadas pelo homem do campo, organizou certames educativos e criou a Escola de Iniciação Agrícola.

Durante o governo de Dom José, a Diocese cresceu tanto física quanto espiritualmente. Três paróquias anteriormente pertencentes à Arquidiocese de Belo Horizonte — Itaguaçu, Desterro de Entre Rios e Piracema — foram incorporadas à Igreja particular de Oliveira. Além disso, cinco novas paróquias foram criadas: Nossa Senhora das Mercês, em Mercês

de Água Limpa; Nossa Senhora das Mercês, em Campo Belo; São Bernardo de Claraval, em Macaia; Nossa Senhora Aparecida, em Aguanil; e São Sebastião, em Oliveira.

Grande parte dos esforços também foi direcionada à construção do Seminário da Santíssima Trindade, sem que isso impedisse a realização de outras importantes iniciativas. Destacam-se, entre elas, a atuação na área da Ação Social, o combate às epidemias nas zonas rurais, a vinda dos padres da Ordem da Santa Cruz (Crúzios), em 1951, e o lançamento das primeiras “Diretrizes Pastorais” da Diocese — considerado o primeiro ensaio de uma Pastoral de Conjunto em âmbito diocesano.

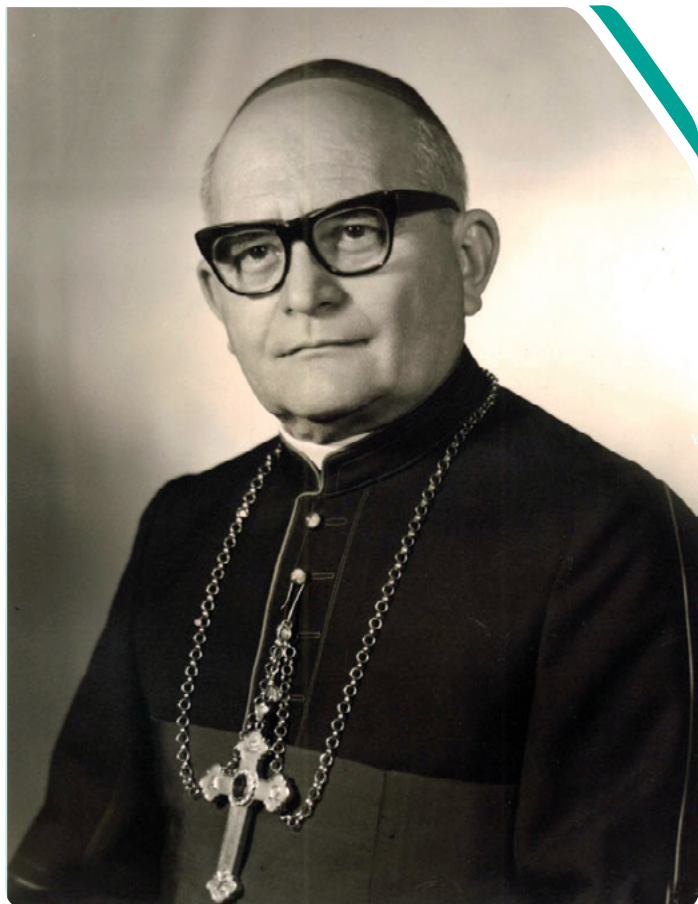
Além dessas realizações, Dom José construiu a antiga Casa Paroquial, que posteriormente abrigou a Cúria Diocesana, o Seminário, a Gazeta de Minas, a U.E.C., o Cine Pax e a Casa de Nossa Senhora. Também fundou a Escola Agrícola Santo Isidro e o Santuário Nossa Senhora Aparecida, em Oliveira.

Construiu ainda as Capelas Nossa Senhora das Graças (bairro das Graças), Santa Luzia, São João Bosco e Santo Cristo dos Milagres (na Matinha); o Centro de Saúde em Morro do Ferro; uma obra de assistência aos mendigos; deu apoio aos Vicentinos, ao Aeroclube de Oliveira, às Cooperativas, aos Círculos Operários e a inúmeras outras obras sociais, como escolas profissionais para homens e mulheres.

Após viver por muitos anos uma vida de simplicidade, amor ao próximo e trabalho incansável, Dom José já havia deixado o comando da Diocese em 1971, quando se encontrava fisicamente debilitado. Faleceu no dia 6 de março de 1977, aos 79 anos, no leito do Hospital São Judas Tadeu, assistido por seu coadjutor, Dom Antônio Carlos de Mesquita, após uma prolongada agonia, que suportou com resignação e fé.

Dom José foi sepultado na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Oliveira. Atualmente, seus restos mortais repousam no jazigo dos bispos, no interior da Catedral.

Foi um verdadeiro pastor, um pai espiritual para todos, que dedicou sua vida inteiramente à Igreja. Seu ministério foi marcado pela luz, pelo compromisso com a unidade, pela partilha e pela esperança, reunindo os fiéis em torno do Mestre Jesus.



ESTRANHOS NA REGIÃO

As relações/ralacionamentos com estranhos são imprevisíveis, ainda que surjam bem ornamentados, aparência de importantes, nos olhando de cima para baixo, cheios de falácias e argúcias. Não se sabe com quem se está lidando, suas reais intenções. Que o digam proprietários rurais de nosso meio, enfrentando problemas com empresários/empresas/negocistas de outras bandas que adquiriram terras na região e aparecem com ares de superioridade, quando não de arrogância.

Um desses forasteiros, morando-se sabe-se lá onde (chegam com a conversa empavonada de quem têm terra aqui, ali e acolá) encheu o terreno recém-adquirido de gado nelore bravo, que, à falta de responsável, um administrador, passou a invadir pastagens e lavouras vizinhas, derrubar tapumes e até currais, ocasionando prejuízos de monta. Conseguiu-se, a custo, localizar o forasteiro por celular, o qual se esbaldou, dizendo estar em viagem turística ao estrangeiro, ironizando o fato de seu gado estar molestando vizinhos, dizendo que era proprietário de várias fazendas em diversos estados e que não cuidava de “questiúnculas” típicas de mineiros. Que os Incomodados fossem se queixar ao bispo...

Outro estranho, também adquirente de terras, passou a azucrinar o vizinho (morador ali há mais de meio século e cujo imóvel era/fora de herança, passado de geração a geração, sem contestação, há dois séculos), afirmando que estava “faltando” área no imóvel por ele recém adquirido e que o vizinho de décadas era um “invasor”... O fim da picada.

Com estranhos chegando na região, inclusive empresas, alguns sem critérios éticos, sem respeito às tradições, à história e regras de convivência de nossa gente (inflacionam salários, aliciam funcionários de outras empresas/empregadores, a volúpia em usar e usurpar a outrem, agem de forma capciosa, desconhecendo e depreciando inteiramente vizinhos e concorrentes, cantando de galo em quintal alheio) torna-se necessário muito cuidado. Bons investidores, gente com valores honestos e civilidade sim, mas mandões, antiéticos e petulantes, não!

Leitura sugerida sobre estranhos – “A hora dos ruminantes”, romance de José J. Veiga.

COMO DÓI!...

O ambiente doméstico, por aquelas beiras do rio, coisa de meio século, pequena propriedade era dos mais deploráveis. Casal e mais umas três crianças, imperando a mais desabrida violência paterna. Filhos, desde os mais tenros anos, submetidos a toda sorte de trabalho pesado, degradante, servil – trato com o gado, arações de terra e demais serviços com carro de bois, reparos de tapumes, serviços de sol a sol. Sem acesso à escola, o pouco que sabiam fora repassado pela mãe, uma precária alfabetização. O pior – expostos a toda sorte de agressões físicas, chicoteados a todo momento e em qualquer lugar. Qualquer instrumento à mão – cabresto, vara, laço – utilizados na sanha de espancar. Por qualquer “dê cá uma palha”, uma mera brincadeira, uma palavra solta, eis as infelizes crianças à mercê da sanha, insânia paterna, aprisionadas à noite, à guisa de castigo, em baias infectas, reino de ratos e répteis. Escolaridade, dignidade, integridade dos filhos, o menor laivo de civilidade, eram ali conceitos totalmente desconside-

rados. Algo de conhecimento geral, mas sem nenhuma atitude por familiares, vizinhos e autoridades.

Sovas terríveis, enlouquecedoras de ferir corpo e alma, o choro convulso dos petizes perdendo-se pelos vales, levados pelas águas do rio ali próximo. A mãe, igualmente vítima da atroz repressão, certo dia surtou. Os filhos dispersos, acolhidos por familiares ou levados às autoridades omissas. A filha mais velha, menina moça, é encaminhada a uma congregação religiosa, onde faz opção pela vida monástica, residindo em cidade distante no Centro-Oeste do País. Vinha ela, esporadicamente, visitar os familiares, clã tão sofrido, desagregado.

O pai, certo tempo, sofrera AVC, semiparalítico, entregue aos cuidados de terceiros. Mãos que, no passado, fustigaram, torturaram, horrorizaram os pobres e indefesos filhos, ali inertes, inutilizadas. Visitando-o, olhando-o, coração arrojado, a filha não deixa de retornar ao período tenebroso de infância. O pai, talvez adivinhando o pensamento da filha, certo dos graves erros do passado, pede-lhe perdão. Abraçando o pai, diz-lhe: – Pai, perdão, mas o senhor não pode imaginar como doeram e como ainda dóem as sovas...

Mergulhando ambos em longo, silencioso, regenerador abraço.

TRANSPORTES DE MERCADORIAS E ANIMAIS – DE QUEM A RESPONSABILIDADE ?

Comum, imprescindível o transporte de produtos, mercadorias, reses entre os meios rural e urbano e vice versa, muitas vezes realizado por caminhoneiros autônomos, desprovidos de logística, sem seguros de veículos e da carga, agindo de forma improvisada, arriscada. Ocorrendo um sinistro, um acidente – seja no itinerário, no local de embarque ou entrega – como ficarão as coisas ? Lembrando que há normas para transporte de animais definidos em legislação própria, inclusive pela ANTT.

Há algum tempo, um caminhão carregado de sacos de adubo, ao atravessar uma ponte em município vizinho, esta cedeu, caindo o caminhão no leito do rio, perdendo-se a carga, destruído o veículo, ferido o condutor. Segundo consta, tudo sem seguros...

Um fato crítico, há algum tempo, ocorreu em nosso meio, envolvendo caminhão de transporte de gado. Ao embarcar um boi de grande porte, este resistiu bravamente a entrar no veículo, refugando, retrocedendo, rompendo o cercado lateral (à guisa de tronco), atingindo gravemente um rapaz que estava atrás do tabuado. O jovem, que estava ali por acaso, transeunte, não era funcionário da fazenda nem fazia parte da turma de ajudantes do caminhoneiro. Fora induzido a ajudar, uma vez que estava entardecendo e o carreteiro, no afogadilho, tinha pressa em embarcar o gado, pois, segundo afirmou, tinha ainda outros compromissos naquele dia.

O impacto da tábua que se soltou, pressionada pelo peso do boi em tentativa de fuga, atingindo violentamente o rosto do rapaz, que caiu semimorto ao solo, seria aterrador: mandíbula, nariz, fronte fraturados, arcada dentária estilhaçada, boca dilacerada. Caído inconsciente, é chamado o SAMU (por sorte, a propriedade tinha telefone fixo, ali não havendo rede de celular), o jovem remanejado com presteza e eficiência impecável a hospital em cidade de grande porte do Estado, submetido a inúmeras cirurgias, ali permanecendo semanas, felizmente sobrevivendo com sequelas.

Sobriariam, contudo, para o proprietário do boi os custos do acidente: cirurgias corretivas e de recomposição facial; reparos dentários; remédios; despesas de acompanhante e locomoção; pagamento de salários do período em que o rapaz ficou inativo, em torno de 10 meses. E o transportador, também responsável?! Por onde andou, por onde estará?



ESTRANHA LEGISLAÇÃO

Imagine um casal com filhos que se separe, sendo que um dos cônjuges detém elevadas posses, emprego de supimpa remuneração e conceito profissional. Ao requerer-se pensão alimentícia, a grande e incrível surpresa – o percentual da pensão incide apenas sobre o piso salarial da categoria, geralmente baixo. Se é servidor público de alta hierarquia, então, não se sabe o quanto ganha realmente, pois vivem de penduricalhos – gratificações, ajudas obesas e esdrúxulas para tudo quanto é patuscada – saúde, transporte, vestuário, moradia, alimentação, viagens e geralmente mantidos sob reserva. Suponhamos que o piso seja R\$ 6.000,00 sobre o qual incidirá a pensão, hoje fixado pela justiça em torno de 20 a 30%. Na verdade, o cidadão – com os penduricalhos – chega a embolsar 5, 8, 10 vezes o valor do piso, havendo casos registrados pela imprensa de gente ganhando 200 mil e até mais por mês. Categorias, segundo a imprensa, que recebem cerca de 40 vezes o salário médio do brasileiro. O Estado foi, de há muito, apropriado pelas elites egoístas, insensíveis, quando não cruéis.

Que se danem os dependentes (filhos) submetidos a migalhas fixadas pela justiça...

CONTRASTES DA ECONOMIA BRASILEIRA

Um empresário manteve durante anos, a duras penas, pesados investimentos na produção leiteira, plantel de vacas holandesas p/b, chegando à produção de 5 mil litros/dia

Encargos com pessoal (em torno de 8 a 10 funcionários), rações, medicamentos, veterinários, combustível, juros, dentre tantas despesas, faziam-no trabalhar no vermelho – 20 a 25 mil reais/mês. Uma guerra com os laticínios quanto a remuneração, embates com a fiscalização sanitária ali no pé, elevada perda de rebanho, em especial crias, rotatividade de pessoal, custos de manutenção de maquinários, levaram-no a encerrar as atividades. Decidiu alugar o imóvel e instalações, surpreendendo-se com o resultado. De sério prejuízo mensal, passou com o aluguel a auferir 30 mil reais/mês, livres...

(Um detalhe: os atuais locatários não mexem com leite e sim com culturas de cereais, frutas, as chamadas commodities de grande valor comercial e exportador). Inteligentes, não?!



DIRETORIA DO IHGST DÁ POSSE A NOVOS MEMBROS

No dia 18 de novembro, na Biblioteca Pública Municipal "Joaquim Pinto Lara", realizou-se mais uma reunião do Instituto Histórico e Geográfico de São Thiago (IHGST). Na ocasião, foi dada posse a sete novos membros, que passam a integrar o quadro de sócios efetivos: **Fábio Caputo, Elizabeth Santos, Claudiane Santiago, Fernando Campos, Mirtes Lara, Davy Reis e Ágda Ferreira**. Cada um deles traz consigo uma tra-

jetória marcada pelo envolvimento com a história, a cultura, a arte, a literatura e outros segmentos que enriquecem nossa instituição.

A chegada dos novos integrantes fortalece a missão do Instituto em preservar, estudar e difundir a memória, a história e a cultura são-tiaguense, garantindo que nossas tradições, registros e valores culturais continuem vivos para as futuras gerações.

A INVENCÍVEL SOMBRA DO COWBOY

Por Fabio Antônio Caputo

O ator e cineasta Kirk Douglas, falecido em 2020 com 103 anos de idade, foi o último representante da Era de Ouro do cinema, vivida no terço médio do século XX. Em um dos inúmeros faroestes por ele protagonizado, cujo nome a memória não alcança mais, seu personagem sai de uma cena caminhando, quando, no cinema um gaiato da plateia que já assistiu ao filme várias vezes se levanta e grita em direção à tela: – “Ei, Kirk!”. O personagem interrompe os passos e lentamente olha para trás. O gaiato continua: “– Você esqueceu o seu chapéu!”. O personagem retorna e pega seu chapéu caído no chão, bate a poeira, põe na cabeça e finalmente conclui a cena. O restante do público explode em algazarra e risos!

O Monument Valley é parte de uma reserva de índios Navajos na confluência quadrupla dos estados de Utah, Colorado, Novo México e Arizona, nos Estados Unidos. Sua paisagem seca e quase desértica, epicamente deslumbrante exibindo torres e agulhas rochosas, vive no inconsciente de muitos que a viram e não se lembram de onde. Esta locação já foi utilizada inúmeras vezes na gravação de filmes do gênero western, o faroeste, e no famoso comercial de cigarro da Terra de Malboro. Por essas e por outras razões, incluindo Kirk Douglas, a minha geração (sou de 1957), e uma ou duas anteriores e posteriores, possuem certa ligação ou intimidade com o tema. Seria um exagero afirmar que o faroeste é um elemento de nossa formação, mas ser um elemento de referência é bastante plausível, dominação cultural ou colonialismo econômico à parte.

Os meninos de São Tiago também brincavam de faroeste, embalados e influenciados pelas matinês do Cine Odeon do Senhor Glauro onde eram exibidos seriados e os simplistas faroestes daquela época onde uma cavalgada, uns tiros e uns socos resolviam o problema central. É encantador lembrar que o filme era de mocinho e bandido, mas para os meninos e muitos adultos o termo usado era “artista” (o herói) e bandido: “– Quem é o artista daquele filme?”; “– Dessa vez sou eu que vou brincar de artista!”. Brinquedos de fabrica eram caros e raros e com certeza a maioria dos meninos não tinha replicas de revólveres e colts. Um pedaço de madeira bem ajeitado supria a falta. Socos simulados passavam a dois palmos no rosto do adversário. Para emular os índios, sem problemas, pois arcos, flechas e lanças são universais! Os sons dos tiros eram obtidos com sonoplastia de boca bem treinada e o idioma inglês, além de um “come on boy” perceptível, era expresso por garratujas verbais indistintas no tom anasalado da voz de muitos americanos. Nos tiroteios, um alpendre era um forte, um tronco de laranja era a carruagem da caravana e um carro



Monument Valley – Fonte: qualviagem.com.br

velho se travestia em diligência. Uma vez, eu menino, durante um tiroteio, pulei para o chão gramado tentando me proteger das balas do inimigo e cai perto das patas de um cavalo amarrado numa árvore de cedro. Meus avós quase me entregaram para o xerife me colocar na cadeia.

Essa sugestão que vive camuflada em nossa mente às vezes me surpreende quando dirijo um carro em uma metrópole. Quando encontro um monte de motociclista parados sob um farol vermelho de semáforo, esperando a liberação enquanto aceleram provocativamente, logo penso no bando de índio disposto no perfil do morro, gritando e acenando armas antes do ataque. Quando um grupo de motociclistas ultrapassa nosso carro perigosamente, de um lado e do outro ao mesmo tempo, forçando o motor ferozmente, às vezes fazendo ziguezague ou ameaçando nosso retrovisor, penso na dinâmica de ataque às carroças da caravana.

Os filmes de faroeste foram os responsáveis por difundir impunemente três grandes mentiras! A primeira, a sonoridade de um tiro de revólver: quando o tiro é disparado pela mão do homem do velho oeste o barulho é espetacular, começando com uma explosão robusta e cheia de efeitos sonoros, seguido de um zunido persistente e talvez um eco de florei; quando o tiro é disparado por nossa polícia e marginais em seus confrontos, o anticlímax é um “ték”, “ték” sem graça. A segunda, o soco de mão fechada: não existem ossos da mão de quem não é lutador treinado que resistam a uma sequência de socos demolidores aplicados na mandíbula do oponente sem se machucar. E por fim, a farsa sobre sua própria realidade: os historiadores confirmam que o velho oeste não foi a terra sem lei que jornalistas e periódicos sensacionalistas do leste americano, escritores e livros, espetáculos teatralizados e cinema difundiram como negócio lucrativo. Entretanto, entre a verdade e a mentira, que vença a verdade; entre a verdade e a lenda, que convivam as duas.

O Brasil também se nutriu das fontes estéticas do faroeste adaptando-as convenientemente às realidades culturais da nossa paisagem ideal e quase inevitável, para filmes baseados nessa referência. As escaramuças de batalhas, tiroteios entre bandos de cangaceiros e as volantes policiais, roubos, invasões e violência já apresentavam similaridades claras com o original. Não sem um toque de ironia o crítico de cinema Salvyano Cavalcanti de Paula cravou o nome de “Nordestern” para referenciar o estilo. O sertão também se prestou como ambientação. “Jerônimo, o Herói do Sertão”, de radionovela a história em quadrinho, e “Irmãos Coragem”, como telenovela marcaram o fenômeno. Em 2019 foi lançado com algum sucesso o filme “Bacurau”, uma mistura de faroeste, drama, terror e ficção científica (uma coprodução Brasil-França) ambientado nos dias atuais em uma pequena cidade de Pernambuco.

O contingente de aficionados por faroeste, conscientes ou não, dividem uma sabedoria a respeito do tema que contem:



Sete Homens e um Destino – Fonte: maiswestern.com



O Bom, o Mau e o Feio – Fonte: Youtube.com

- Conhecer os principais filmes do gênero.
- Conhecer o nome dos atores mais famosos e de visibilidade, como John Wayne, Clint Eastwood e Giuliano Gemà.
- Conhecer o nome de personagens reais do velho oeste como Jesse James, Búfalo Bill, Billy the Kid e Wyatt Earp.
- Cantarolar, assobiar ou solfejar temas famosos de filmes e séries como “O bom, o mau e o feio”, “Bonanza”, “Bat Masterson” e “Sete homens e um destino”.
- Conhecer o nome de personagens de ficção do velho oeste como Zorro e Tonto, Durango Kid e Tex Willer, o último sobrevivente do gênero na era dos super-heróis.
- Conhecer alguns animais famosos como Silver, o cavalo do Zorro, Trigger, o cavalo do Roy Rogers e o cachorro Rin Tin Tin que dispensa apresentação.
- Ter possuído ou desejado brinquedos como um Forte Apache, bonequinhos de plástico ou um revolver de espoleta.
- Conhecer nomes de tribos indígenas americanas como Comanches, Apaches, Sioux, Cheyennes e Navajos, bem como o nome de seus chefes como Touro Sentado e Cochise.
- Entender o significado simbólico da expressão “o gatilho mais rápido do oeste”, aplicado a quem é bom no faz.

A internet está infestada de listas de classificação, abrangendo todos os assuntos possíveis e discutíveis, e também cinema, por suposto. Se o assunto é cinema, pinçar os melhores, os maiores, os mais importantes filmes de faroeste é vontade natural e imediata, ainda por suposto. O meu Top 10, a minha lista pessoal, segue abaixo, em ordem aleatória sem ordenamento de valor. Alguns nem são grandes filmes no sentido clássico de crítica, mas angariaram um significado marcante e inesquecível:

- Era uma vez no oeste / Once Upon a Time in the West (1968)
- Sete homens e um destino / The Magnificent Seven (1960)
- Três homens em conflito / The Good, the Bad and the Ugly (1966)
- Matar ou morrer / High noon (1952)
- Os imperdoáveis / Unforgiven (1992)
- Butch Cassidy / Butch Cassidy and the Sundance Kid (1969)
- O dólar furado / One silver dollar (1965)
- O tesouro de Serra Madre / The Treasure of the Sierra Madre (1948)



Matar ou Morrer – Fonte: cinemarcoblog.net

- Bravura indômita / True Grit (1969)

- No tempo das diligências; Stagecoach (1939); somente por ser um marco do gênero, influente e de reconhecida importância.

Sem rodeios o meu preferido é “Era uma vez no oeste”: Charles Bronson, como o homem chamado Harmônica que esconde uma vingança misteriosa; Henry Fonda como o assassino impiedoso de frios olhos azuis; Claudia Cardinale como a viúva corajosa que enfrenta o oeste. A direção inspirada de Sergio Leone, talvez seu ápice. A trilha sonora celestial de Ennio Morricone é tão emocionante e espetacular que faz de um faroeste um filme para marejar os olhos. O final é um plano-sequência muito longo, uma aula de cinema, que encerra mostrando o protagonista partindo sozinho e sumindo no horizonte após ter feito o que se esperava que ele fizesse: o final clássico proposto por muita história do velho oeste. Sempre que encontro este filme passando na TV paga, já tendo alcançado o último quarto do seu tempo de duração, não consigo me privar de revisitá-lo mais uma vez.

A partir da década de 70 a popularidade do gênero entrou em forte declínio com a acentuada queda do número de novos lançamentos e pelo desinteresse do público por esse universo. A produção e exibição de seriados muito bem produzidos e feitos diretamente para a televisão deu uma sobrevida ao gênero, sem muito folego. É interessante notar que esses raros faroestes atuais costumam apresentar qualidade acima da média. Diferente das antigas produções baseadas em roteiros simples e ação animada os faroestes novos costumam



Era uma Vez no Oeste – Fonte: westerncinemania.blogspot.com

ser lentos, melancólicos, revisionistas, mais centrados no drama humano e na difícil transição do velho oeste do final do século XIX para a emergente modernidade do século XX.

Sem filmes e sem referências as crianças de São Tiago não brincam mais de faroeste. Acho que não brincam de mais nada! Nem aqui ou no resto do mundo (consolo frouxo)! As fabricas de brinquedos não fazem mais coldres e replicas de colt, e isto é o que se espera delas nesses novos tempos mais corretos e com pretensões éticas, honestas ou não. Entretanto, esse fato deixa dois resíduos estranhos. Elas continuam fabricando brinquedo em forma de armas, ao estilo ficção científica, sonoros, com luzes e cores elétricas de marca texto, que na verdade não assustam nem os personagens da Hanna Barbera, mas ainda são armas. E mais além, meninos, adolescentes e adultos jovens ficaram adeptos de jogos eletrônicos de tiro e combate, com assassinatos, muito sangue, extermínio e pitadas de carnificina explícita!

Pelo seu caráter exótico e peculiar dentro da evolução da humanidade o faroeste sempre serviu bem como realidade e contexto para histórias humanas. É relevante ressaltar que independente do gênero da obra, drama, ação, comédia ou romance, o importante realmente é que a narrativa seja cativante e de qualidade. Assim, mesmo que na atualidade os filmes de faroeste apareçam esporadicamente, a invencível sombra do cowboy ainda será percebida por aqueles que a conhecem.



BONECAS ABAYOMI

Por Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

Abayomi significa “encontro precioso” em iorubá. É também o nome de uma boneca de pano de origem africana, feita sem costuras e sem cola, símbolo de resistência, esperança e valorização da identidade negra, carregando um profundo significado de amor e ancestralidade.

Na versão popular, a história dessas bonecas começa nos navios negreiros. Ali, as mães, com suas filhas chorando nos colos e sem nada para distraí-las, rasgavam suas próprias vestes e saias; com as tiras de tecido, iam fazendo tranças e nós, confeccionando bonecas para entreter as crianças durante as longas e difíceis viagens dentro dos navios — como um amuleto de proteção e afeto.

Mais tarde, de forma artesanal, Lena Martins, em oficinas realizadas nas comunidades do Rio de Janeiro, na década de 1980, apresentou essa criação como símbolo de resistência, autoestima e afirmação da identidade afro-brasileira, dando às bonecas o nome de Abayomi.

A boneca Abayomi não tem rosto porque, segundo Lena, isso permite que cada pessoa projete seus próprios sentimentos, imaginando a expressão que desejar. Assim, torna-se um espelho das emoções de quem a observa. Essa ausência de feições definidas celebra a diversidade étnica e a complexidade dos povos africanos, sem se limitar a uma única forma de beleza. Sem rosto definitivo, cada boneca pode ser vista com expressões variadas — feliz, triste, preocupada, pensativa, neutra ou alegre — dependendo de quem olha, estimulando as crianças a criarem seus próprios mundos imaginários.

O objetivo atual do trabalho com as bonecas Abayomi é apresentar a resistência, o afeto e a identidade afro-brasileira, fortalecendo a conexão cultural e o desenvolvimento emocional. Hoje, elas são usadas em inúmeras mobilizações sociais na defesa da vida e na luta contra o feminicídio, a violência, o racismo e o sexismo, promovendo autoestima e valorização da identidade negra. Tornaram-se, assim, um símbolo de resistência e poder feminino.

Este texto é alusivo ao Dia Nacional de Zumbi e da Dia da Consciência Negra, oficializado como feriado nacional pela Lei nº 14.759/2023, celebrado em 20 de novembro.



As três irmãs

Por Maria Elena Caputo
Membro do IHGST

Três irmãs especiais
de uma conhecida família:
Mirtes, Ana e Carminha,
símbolos de grande alegria.

São vistas em vários lugares,
sempre com grande participação.
Em nossa querida São Tiago,
são amadas pela população.

Com dedicação e carinho,
sempre fiéis à procissão.
Hoje, todas aposentadas,
levam alento por onde vão.

Sempre juntas nos eventos —
faça sol, faça chuva, frio ou calor —
de agasalhos, sobrinha e cachecóis,
lá estão as três, com muito amor.

Nas atividades religiosas — missas,
doenças, funerais, enterros —
as três sempre presentes,
com dedicação e esmero.

Nas atividades sociais,
têm participação sem igual.
Em procissão, coroação e cantata,
até na inauguração da Câmara Municipal.

Esta união das três irmãs
nunca vi nada igual.
Precisavam ver a alegria delas
dançando e cantando na Festa do Produtor Rural!

Sempre presentes
em toda comemoração:
nos 100 anos de Dona Nilda,
pura alegria e emoção.

Simple e ordeiras
nas instituições, ruas, pracinhas,
nos aniversários, encomendações e rezas.
Simplesmente: **Mirtes, Ana e Carminha.**

RUA PE. JOSÉ DUQUE DE SIQUEIRA: CAMINHO DE FÉ, HISTÓRIA E TRADIÇÃO

Por Fernando de Castro Campos

A Rua Pe. José Duque de Siqueira é uma das mais tradicionais e cheias de memória da cidade. Antigamente chamada de “Rua Dom Viçoso”, uma homenagem a Dom Antônio Ferreira Viçoso (1787-1875), bispo católico português, reconhecido como um importante benemérito e educador em Minas Gerais. Essa rua conserva até hoje a harmonia de suas casas, erguidas em um mesmo padrão arquitetônico simples e elegante, além das fachadas alinhadas, janelas tradicionais, pequenas escadas e varandas, que são recordação da usualidade de uma época.

Foi nessa rua que viveu e faleceu o pároco Pe. José Duque de Siqueira (11/02/1868 – 11/08/1955), sacerdote querido e figura notória de grande influência espiritual em São Tiago e região. Possuía uma casa bem no início da rua, com um grande quintal que dava fundo para a Avenida Coronel Benjamim Guimarães, nele havia muitas árvores frutíferas, muitas crianças tinham o hábito de roubar frutas, causando aborrecimento ao pároco. Seu nome, hoje, batiza a rua como forma de homenagem e reconhecimento à sua dedicação religiosa à cidade. Também na mesma rua passou os últimos dias de sua vida o Monsenhor Francisco Elói, que celebrava missas em sua própria casa, reunindo fiéis e vizinhos no seu ambiente de fé, oração e comunhão. Foi também cenário de grandes histórias, guardadas na memória e contadas até hoje como narrativas de pragas, causos engraçados, encomendações de almas e longos “dedos de prosa”.

Esta rua, situada nas proximidades da Capela de São Sebastião, sempre exerceu um papel importante na religiosidade da cidade. Por ela passam procissões tradicionais, como as da Festa de São Sebastião, os Encontros de Folias de Reis e as celebrações da Semana Santa. Durante muito tempo, havia ali um pequeno “Passinho da Via-Sacra”, retratado em antigas fotografias e lembrado com carinho pelos mais antigos. Embora o passinho já não exista fisicamente, as fachadas das casas continuam acolhedoras e, de certo modo, ainda guardam e exercem a função simbólica daquele espaço de fé e devoção.

Nas imediações, antes da construção da atual igreja, existia um cruzeiro, marco de devoção que mais tarde deu lugar à Igreja de São Sebastião. Próximo dali também havia uma caixa

d’água, que servia de referência para os moradores. Em torno desse espaço formava-se um largo amplo e florido, onde brotavam muitas flores chamadas “Ave-Maria” brancas, delicadas e conhecidas por se abrirem pontualmente às seis horas da tarde, enchendo o ar de tranquilidade, que por outro lado se contrastava com a agitação das crianças brincando de futebol e outras diversas brincadeiras.

Nos tempos antigos, o movimento era intenso: carros de boi cruzavam a rua, transportando mantimentos, lenha e produtos do campo. O som das rodas rangendo e o grito dos carreiros faziam parte do cotidiano, marcando o compasso das chegadas e partidas rumo à zona rural. Era um tempo em que a rua era mais que um trajeto, era caminho de trabalho e convivência, elo entre o campo e a cidade. Quase não havia cidade; ela se encerrava no final dessa rua, onde existiam poucas casas e um grande caminho que levava à Capela de Nossa Senhora de Fátima e à estrada de Bom Sucesso.

Foi nessa rua que acolheu a sede da Lira da Imaculada Conceição por um determinado período, e mais tarde virou a sapataria do Sr. Antônio Mansueto Caputo, onde não faltaram bons encontros e de boas conversas. Hoje, durante o Carnaval de São Tiago, a rua continua viva, sendo trajeto de diversos blocos carnavalescos trazendo alegria à comunidade.

A Rua Pe. José Duque de Siqueira é muito mais que um endereço, é um retrato vivo das vivências do povo são-tiaguense. Suas histórias de fé, trabalho e cotidiano compõem as memórias e a identidade de São Tiago, preservando em cada pedra, em cada casa e em cada flor a essência de um tempo que ainda pulsa no coração da cidade. Sempre em transição como a vida, onde as casas e moradores vão sendo modificados como uma metamorfose.



NOTA DE CONDOLÊNCIAS



SR. JOÃO JOSÉ DA SILVA

★ 19/03/1947
† 29/11/2025

Registramos, com pesar, o falecimento do Sr. João José da Silva, dia 29 de novembro último.

Empresário conhecido/credenciado na área de despachante de veículos, em geral licenciamento, verificação documental, regularização, IPVA, CRLV, prestando inestimáveis serviços aos proprietários de veículos da região.

O Sr. João José atuou ainda como motorista profissional, realizando centenas de viagens de interesse de moradores e entidades locais.

Sempre teve um atendimento personalizado, seguro, de orientação aos nossos motoristas, donos de veículos em geral.

À família nossa solidariedade e respeito.

DEMONSTRAÇÃO MATEMÁTICA

IMAGEM: FOLHADEPARAGUACU.COM.BR (SOPHIE GERMAIN)



Sophie Germain, francesa de Paris nascida em 1776, colocou o seu nome na lista dos maiores matemáticos de todos os tempos, principalmente pelas suas contribuições na Teoria dos Números. Teve que estudar na Escola Politécnica de Paris escondida sob um nome masculino. Fez uma grande produção científica sem registro formal de sua identidade como mulher. Havia um claro preconceito que ditava ser a mulher inapta para a Matemática. Sophie lutou contra um obscurantismo de gênero próprio daquela época e que ainda hoje repercute. Prefiro acreditar que ela aprovaria com leveza a brincadeira humorística abaixo apresentada, onde se mistura a rigidez lógica da própria da Matemática com os reflexos de algumas dificuldades eternas de sermos o que somos: humanos.

Para vários tipos de homens (um preconceituoso de gênero, um sexista convicto ou um bem humorado inofensivo) quando querem conquistar uma mulher (M), resumem as dificuldades encontradas a dinheiro (D) e tempo (T), os quais devem

ser investidos inevitavelmente. Tolice, falha de caráter, infantilidade ou provocação inteligente isso é um ponto de partida para a comprovação de um teorema: mulher é igual a tempo vezes dinheiro!

$$M = T.D \quad [1]$$

Desde sempre a humanidade já assumiu o princípio que define que tempo (T) também é dinheiro (D).

$$T = D \quad [2]$$

Assim, levando a equação [2] em [1] obtém-se seguinte igualdade, mulher é dinheiro ao quadrado:

$$M = D.D \quad :: \quad M = D^2 \quad [3]$$

Existe um ditado popular que pode ser colocado na forma de axioma, uma afirmação fundamental evidente por si mesma dispensando provas, pronta para ser usada como princípio no estudo de outras teorias: "O dinheiro (D) é a raiz de todos os problemas (P)!".

$$D = \sqrt{P} \quad [4]$$

Para se eliminar um radical em uma equação elevam-se os dois lados ao quadrado:

$$(D)^2 = (\sqrt{P})^2 \quad :: \quad D^2 = P \quad [5]$$

Finalmente, transportando a equação [5] para a equação [3]:

$$\{ M = D^2 \quad [3] \} \cup \{ D^2 = P \quad [5] \} \rightarrow M = P \quad [6]$$

Logo, mulher (M) é igual a problema (P)! Demonstrada a afirmação peço condescendência àquelas que não gostaram!

Coletado e adaptado de várias fontes por Fabio Antônio Caputo

De Queijos & Queijos

Por Francisco Reis Bastos

Todos começam com o leite. As mães fornecendo o leite nutritivo, cheio de anticorpo, com nuances afetivas e sexual para explicar a razão insofismável de minha paixão pelo leite e por todos os seus derivados.

Acho que fui traumatizado quando criança, ao ser desmamado precocemente por minha mãe. Coitada, teve naquela época que ser operada de litíase renal. O punido foi eu, o pequeno Francisco.

Foi me impedido a amamentação e ainda, até hoje, sinto a falta do precioso líquido e todos os seus derivados.

Nunca saciado.

Não bastasse ter nascido em Minas Gerais, onde abundam variedades mis de queijos, fui fazer pós graduação na França. Graduado em Minas e pós graduado na Europa. Fui, vi, comi, cresci, venci.

Uma elevação e crescimento de cultura médica e da sabedoria da queijaria no país que se orgulha de ter um tipo de queijo para cada dia do ano, a França.

Ah! Os queijos mofados. Os Bries, os Camembers, os Bleus e os reis dos queijos os Rocqueforts !!!

Queijos gerados, cuidados, e aprimorados em cavernas

calcárias seculares. Uma dedicação em prol do paladar e da excelência de nosso sabor.

Confesso ainda a aptidão genética para apreciar e confectionar originada dos meus antepassados portugueses.

Ah! Os curados portugueses! E os pudins portugueses de queijo? E as queijadinhas?

Certa vez fomos a uma ótima feira de rua em Lyon, com um francês colega e amigo e eu. A idéia era comprar queijos para nosso almoço. Um bom almoço sempre tem queijos na sobremesa.

Confessei a ele minha paixão pelos queijos. Disse mais, que só faltava inventar uma "espuma de queijo".

Um queijo apresentado na forma de "espuma"

Seria a consagração do "O Efeito Espuma"!!!

Não é que ele, orgulhoso, mostrou-me e compramos aquele maravilhoso queijo consoante com a famosa "Cozinha molecular do Adrian Melià", de Barcelona.

Hoje sabemos que essa culinária revolucionária usa a Espuma em metade dos pratos modernos.

Viva a Espuma!

Viva os Queijos!

www.franciscoreisbastos.com.br

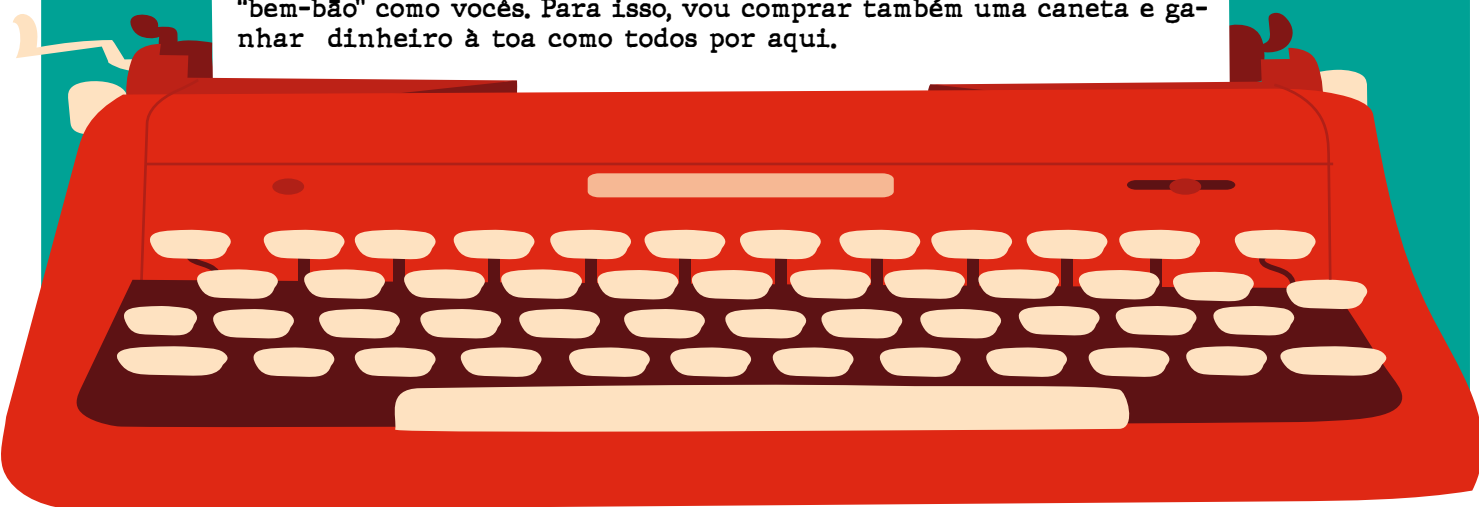
A MÁQUINA DE ESCREVER

Aquele aluno, naqueles tempos do antigo ginásial (hoje ensino fundamental) era assaz negligente, desatencioso no transcurso das aulas, algo perceptível e mensurável por todos os professores, nas mais diversas disciplinas - língua portuguesa, matemática, ciências, geografia e por aí afora. Nada anotava, não acompanhava as explanações dos conteúdos ministrados, caligrafia sofrível, não realizava as tarefas extraclasse (pesquisas, o célebre "para casa"). Além do mais, rebelde, promovia bullying e críticas a colegas e professores, seu rendimento, enfim, diminuto.

O pai, residente na zona rural, onde era proprietário de sítio, é contactado pelo educandário, buscando-se uma solução - talvez aulas particulares (reforço escolar), descobrir-se as razões de tamanha indolência e desinteresse, provavelmente com orientação médica ou clínica (naqueles tempos, pouco se falava em psicólogos, terapeutas).

O pai, homem aí de seus 40 anos - homem rude não só para com a família, mas igualmente ante estranhos - inteirado dos fatos, fez inúmeras críticas a professores e ao estabelecimento, reclamou muito da atividade rural, para ele estafante, deficitária, tendo, na oportunidade, uma atitude inusitada, senão burlesca. - Não se preocupem. Tenho a solução para o problema da escrita do garoto. Não vou contratar professores particulares, não. Nas férias, vou comprar uma máquina de escrever para o menino e estará resolvido o problema.

Ante o espanto por aquelas palavras paternas, os professores presentes foram obsequiados com mais uma "pérola": - Aliás, penso seriamente em deixar a zona rural. Vou mudar para a cidade, viver no "bem-bão" como vocês. Para isso, vou comprar também uma caneta e ganhar dinheiro à toa como todos por aqui.



Crítica ao boletim

Chegou ao nosso conhecimento a efetivação de críticas ao boletim, partidas de pessoa culta, representativa na comunidade e proferida em ambiente coletivo.

As afirmações de que o boletim é "sem sal nem açúcar", desprovido de identidade ou posicionamento ideológico e dessa forma inócuo, supérfluo.

Obviamente, direitos de opinião, preferência, de consciência, aliás, o que sempre defendemos dado o caráter democrático, tolerância, laicidade, autodeterminação, respeito, características de uma sociedade multiforme, étnica, religiosa como a nossa.

É o nosso posicionamento de ordem cultural, consciencial a serviço do bem comum.

Repetimos, uma vez mais, o boletim tem por objetivo registrar a memória e história regional colocando-as a serviço comunitário, não nos envolvendo em processos de or-

dem político-partidária, religiosos

John Dewey, conceituado pensador de nosso tempo, aborda em seus estudos as diferentes qualidades de pensamento, onde julgamentos são passíveis de equívocos, erros, ou seja, há formas de pensamento sem o filtro da acurácia, prudência e próximos da intolerância, fanatismo.

Para Dewey o melhor pensamento ou processo de raciocínio é o do tipo reflexivo, que consiste em examinar, mental e acuradamente objeto com base em considerações sérias, consecutoras com propósito crítico, conclusão, responsabilidade.

Sairmos do silêncio e assumirmos uma presença construtiva, acessível na sociedade. Diálogo com a comunidade emprestando-lhe reflexão, construção de sentido, pensamento crítico, responsabilidade, ética, sem nos envolver em discursos inflamados, idolatria da aparência, partidarismo.

Manter uma publicação não é fácil, custos editoriais, contar com equipe competente (voluntária), colaboradores, pesquisadores, fazendo nós o que é possível e o permissível.

Dom Pedro II Imperador do Brasil

Bicentenário de nascimento

1825 - 2025

Por Dilva Frazão

Biografia de Dom Pedro II

Dom Pedro II (1825-1891) foi o segundo e último Imperador do Brasil. Tornou-se príncipe regente aos cinco anos de idade quando seu pai Dom Pedro I abdicou do trono.

Com 15 anos foi declarado maior e coroado Imperador do Brasil. Seu reinado, que durou quase cinquenta anos, teve início no dia 23 de julho de 1840 e terminou no dia 15 de novembro de 1889, quando foi proclamada a República.

Dom Pedro passou para a história como um intelectual e apreciador das artes. Foi considerado um dos soberanos mais cultos de sua época.

Infância e educação

Dom Pedro II nasceu no Palácio de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, Brasil, no dia 02 de dezembro de 1825. Era filho do primeiro Imperador do Brasil Dom Pedro I e da Imperatriz Dona Maria Leopoldina. (O Palácio de São Cristóvão que abriga o Museu Nacional, foi destruído por um grande incêndio em 2018, hoje restaurado.)



Palácio de São Cristóvão

Recebeu o nome de Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bebiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Bragança.

Sua mãe, a Imperatriz Dona Leopoldina, que já estava doente, faleceu em 1826, deixando Pedro aos cuidados da camareira-mor, Dona Mariana Carlota de Verna Magalhães futura condessa de Belmonte.

Pedro de Alcântara era o quarto filho do casal imperial, mas com a morte de seus irmãos mais velhos, tornou-se o herdeiro do trono do Brasil e, no dia 2 de agosto de 1826, foi reconhecido como herdeiro da coroa do império brasileiro.

Seu pai, o imperador Dom Pedro I, que vinha enfrentando severa oposição política, acusado de favorecer os interesses portugueses no Brasil, abdicou do trono no dia 7 de abril de 1831 e embarcou de volta a Portugal deixando Pedro como "regente" com apenas cinco anos de idade.

Dom Pedro II foi aclamado em 7 de abril de 1831, no dia da abdicação de seu pai. Foi apresentado ao povo por uma das janelas do paço da cidade, nos braços do seu tutor, José Bonifácio de Andrada e Silva.

Para guiar a educação de seu filho, Dom Pedro I nomeou José Bonifácio para o cargo de tutor do menino. Em 1833, José Bonifácio foi substituído por Manuel Inácio de Andrade Souto Maior, marquês de Itanhaém.

Para a educação do futuro imperador foram destacados mestres ilustres de seu tempo. Estudou português, literatura, francês, inglês, alemão, escrita e geografia, ciências naturais, desenho e pintura, piano e música, esgrima e equitação.

Período Regencial

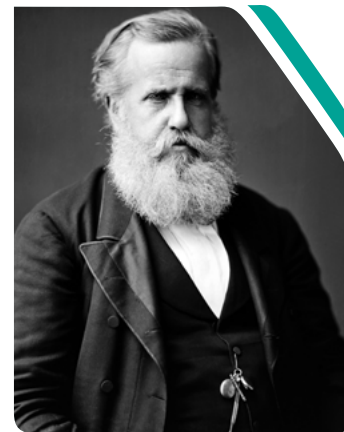
Com a abdicação de Dom Pedro I e a menoridade do imperador, o Brasil foi governado por diferentes grupos que compunham a classe dominante e disputavam entre si o poder político.

O Período Regencial, que se estendeu por nove anos, de abril de 1831 a julho de 1840, atravessou quatro regências: *Regência Trina Provisória*, *Regência Trina Permanente*, *Regência Una de Feijó* e *Regência Una de Araújo Lima*.

O período das regências foi marcado pela violência e por conflitos sociais e políticos. As camadas miseráveis urbanas e rurais pe-

garam em armas e partiram para a luta armada, reivindicando melhores condições de vida.

Entre os movimentos revolucionários ocorridos em diferentes províncias, destacam-se: *a Cabanagem*, *a Sabinada*, *a Balaiada* e *a Guerra dos Farrapos*.



Maioridade antecipada e coroação

Diante das rebeliões sociais que ameaçavam e amedrontavam a elite agrária, os progressistas (liberais) e os regressistas (conservadores), concluíram que somente a figura de um imperador com poderes absolutos poderia restabelecer a ordem.

Em 1834, Dom Pedro I faleceu em Portugal. Em 1840 começou a luta pela maioridade do imperador, então com 15 anos.

No dia 23 de julho de 1840, Pedro foi proclamado maior. O ato ficou conhecido como o Golpe da Maioridade. Com essa manobra, terminava o Período Regencial (1831-1840) e começava o Segundo Reinado. No dia 18 de julho de 1841 Dom Pedro II foi coroado Imperador.

Como foi o Reinado de Dom Pedro II

O Segundo Reinado teve início no dia 23 de julho de 1840, quando Dom Pedro II foi considerado maior. Durou quase meio século e pode ser dividido historicamente em três fases distintas:

- fase das lutas civis até a Revolução Praieira
- fase das lutas externas, encerrada com a Guerra do Paraguai
- fase das campanhas abolicionistas e republicanas.

No dia seguinte à proclamação da maioridade, Dom Pedro II nomeou seu primeiro ministério, composto de liberais, quando se destacaram os irmãos Andrada e os irmãos Cavalcanti.

O "Ministério dos Irmãos" durou pouco tempo, oito meses depois era nomeado um novo gabinete, composto de políticos conservadores. Os liberais tentaram voltar ao poder com duas revoltas, uma em São Paulo e outra em Minas Gerais.

Em 1847 a monarquia absolutista foi substituída pela monarquia parlamentarista, com a criação da lei da "Presidência do Conselho de Ministros". A partir disso, o imperador, em vez de nomear todos os ministros, escolhia apenas o primeiro-ministro.

Cabia ao primeiro-ministro a formação do novo ministério, que deveria ser aprovado pela Câmara dos Deputados. Durante o Segundo Reinado foram formados trinta e seis gabinetes ministeriais.

Essa situação desagradou os liberais, que resolveram criar um partido próprio: o "Partido da Praia", e iniciaram a revolta conhecida como Revolução Praieira, que além de outras exigências, pedia o fim da monarquia e a proclamação de uma república. Em 1849 as tropas foram rendidas e se entregaram em troca de uma anistia geral oferecida pelo governo.

Somente depois da primeira metade do seu reinado, agitada por várias revoltas, pela luta na região do Rio da Prata e pela Guerra do Paraguai, Dom Pedro II empreendeu várias viagens ao exterior, sempre em companhia da esposa, deixando a Princesa Isabel como regente.

Viagens

No Brasil, Dom Pedro II visitou o Rio Grande do Sul, em 1845, logo após a pacificação da Guerra dos Farrapos. Em 1847 esteve no norte da província fluminense, visita que repetiu em 1875. E 1859 esteve no Espírito Santo, na Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, indo até a Cachoeira de Paulo Afonso.

Em 1861, viajou para Juiz de Fora para inaugurar a estrada União Indústria. Em 1863 esteve no sul da província fluminense, Entre 1875 e 1881 esteve em São Paulo, Paraná e Minas Gerais.

Somente depois da primeira metade do seu reinado, Dom Pedro II empreendeu diversas viagens ao exterior. Na primeira viagem, de 25 de maio de 1871 a 30 de março de 1872, visitou vários países da Europa, o Egito e a Arábia.

Na segunda viagem, de 26 de março de 1876 a 25 de setembro de 1877, esteve nos Estados Unidos, no Canadá, no norte da Europa, na Rússia, Grécia, Palestina e novamente no Egito.

Na terceira viagem, já doente com diabetes, o imperador partiu do Rio de Janeiro em 30 de junho de 1887, só regressando em 22 de

agosto de 1888. Esteve na França, Alemanha e Itália, onde, em Milão sua doença foi agravada, indo restabelecer-se em Aix-les-Bains. Na sua ausência, a princesa Isabel assinou a lei de abolição da escravidão.

Na segunda metade do governo imperial a economia passou por mudanças significativas que alteraram o processo histórico nacional, o Brasil se modernizou e se urbanizou. *Foram construídos jardins públicos, teatros, hotéis e salões de baile.*

Contribuíram para o desenvolvimento econômico do país: o cultivo do café, do cacau, da borracha e do algodão. Foram inauguradas no Brasil várias companhias de navegação a vapor, oito estradas de ferro, fábricas de tecidos e companhia de gás, o que permitiu iluminar as ruas com lâmpião a gás.

Homem de Cultura, Dom Pedro II protegeu escritores e artistas, correspondeu-se no exterior com personalidades como Pasteur, Wagner, Gobineau e Agassiz, procurando estar sempre a par do que se passava no mundo. Escreveu em seu diário: *"Nasci para consagrar-me às letras e às ciências e, a ocupar posição política, preferiria a de presidente da república, ou ministro, à de imperador"*.

Casamento e filhos

O casamento de Dom Pedro II com Teresa Cristina de Bourbon foi um arranjo político com Francisco I, rei das Duas Sicílias. O casamento foi realizado na capela do palácio de Chiaramonte, em Palermo, na Sicília, sul da Itália, no dia 30 de maio de 1843. Dom Pedro II foi representado pelo conde de Siracusa, irmão de D. Teresa Cristina.



No dia 3 de setembro de 1843, Teresa Cristina desembarcou no Rio de Janeiro para casar-se no mesmo dia. Dom Pedro II viu descer do navio uma moça que não correspondia à descrição que dela tinham feito, no entanto Teresa Cristina foi companheira, compreensiva, discreta e mãe amorosa, dons que apagaram a primeira impressão.

Dom Pedro e D. Teresa tiveram quatro filhos, Afonso (morto antes de dois anos de idade), *Princesa Isabel* (que foi cognominada de "A Redentora"), *Princesa Leopoldina* (que casou com o príncipe alemão Luís Augusto de Saxe-Coburgo-Gota) e Pedro (morto antes de dois anos de idade).

A campanha abolicionista

Vários movimentos realizados no Segundo Reinado pediam pela libertação dos escravos. Em 1850, a campanha abolicionista intensificou-se com a assinatura da *Lei Eusébio de Queirós*, que aboliu o tráfico negro.

Em 1871 foi assinada a *Lei do Ventre-Livre*, que declarava livres todos os filhos de mãe escrava nascidos a partir da promulgação da lei. Essa lei determinava também a libertação de todos os negros que pertenciam ao governo.

A campanha abolicionista cada vez mais se intensificava. Em 1885 foi assinada a *Lei do Sexagenário*, que decretava a alforria dos negros maiores de 65 anos. Essa lei foi condenada pelos abolicionistas, pois a média de vida do negro escravo não ia além dos 40 anos.

Finalmente, no dia 13 de maio de 1888, foi assinada pela "Princesa Isabel" a *Lei Áurea*, que determinava a extinção definitiva da escravidão.

Proclamação da República

O ideal republicano, que surgiu no Brasil através de vários movimentos, somente após a "Guerra do Paraguai" ressurgiu, se fortaleceu e se propagou rapidamente. O regime monárquico vivia seus momentos finais.

No dia 15 de novembro de 1889, pela conjugação de interesses po-



líticos, o governo imperial foi derrubado. Estava decretada a Proclamação da República no Brasil. No dia seguinte organizou-se um "Governo Provisório" chefiado por Deodoro da Fonseca, que determinou o prazo de 24 horas para a família imperial deixar o país.

A família imperial em Petrópolis (1889)

No dia 16 de novembro de 1889, na véspera da partida para o exílio, Dom Pedro escreveu:

"À vista da representação escrita que me foi entregue hoje, às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir com toda minha família para a Europa amanhã, deixando a Pátria, de nós estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de empenhado amor e dedicação durante quase meio século em que desempenhei o cargo de Chefe de Estado. Ausento-me pois, eu como todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade".

Exílio e morte

Dom Pedro de Alcântara embarcou com a família para Portugal em 17 de novembro de 1889, dois dias após a Proclamação da República.



Funeral de Dom Pedro II em Paris – 1891

Chegando a Lisboa no dia 7 de dezembro, seguiu para o Porto, onde a imperatriz morreu no dia 28 do mesmo mês.

Pedro de Alcântara, com 66 anos, seguiu sozinho para Paris, ficando hospedado no Hotel Bedford, onde passava o dia lendo e estudando. As visitas à Biblioteca Nacional eram seu refúgio. Em novembro de 1891 com sequelas da diabetes, já não saía mais do quarto.

Dom Pedro II faleceu no Hotel Bedford, em Paris, França, no dia 5 de dezembro de 1891, em consequência de uma pneumonia.

Seus restos mortais foram trasladados para Lisboa e colocados no convento de São Vicente de Fora, junto ao da esposa. Revogada a lei do banimento, em 1920, foram os despojos dos imperadores trazidos para o Brasil. Depositados de início na catedral do Rio de Janeiro, em 1925 foram transferidos para a catedral de Petrópolis.

Nossa Senhora do Pilar

Onde aconteceu: Na Espanha.

Quando: Durante o século I – (ano 40 da era cristã)

A quem: Ao apóstolo São Tiago.

A História

De acordo com uma antiquíssima tradição, venerada e viva ao longo dos séculos, a Virgem Maria quando ainda morava neste mundo, isto é, antes de subir em corpo e alma aos céus, veio a Zaragoza para confortar e alentar ao Apóstolo São Tiago que no momento, encontrava-se às margens do rio Ebro, pregando o Evangelho.

Este fato situa-se na noite do dia 2 de janeiro do ano 40 da era cristã.

S. Tiago o Maior, Apóstolo da Espanha.

Segundo a Anna Catharina Emmerich:

Partindo de Jerusalém, Tiago o Maior dirigiu-se, pelas ilhas gregas e pela Sicília, à Espanha, onde desembarcou em Gades. Como ali não foi bem recebido, mudou-se para outra cidade. Mas também não foi tratado melhor, prenderam-no e teria sido morto, se um Anjo não o tivesse livrado milagrosamente. Deixou na Espanha cerca de sete discípulos e, acompanhado de dois outros, voltou por Massília, no sul da França, a Roma.

Mas voltou depois à Espanha, dirigindo-se de Guedes, por Toledo, a Zaragoza.

“Ali, diz Catharina Emmerich, se converteu muita gente, ruas inteiras creram no Senhor, com exceção apenas dos que ainda aderiam ao paganismo. Vi Tiago correr também muitos perigos. *Soltavam contra ele viboras, as quais tomava tranquilamente nas mãos e não lhe faziam mal, mas viravam-se contra os idólatras que o cercavam, e estes, vendo o milagre, começavam a temê-lo.*

Vi também que em Granada, onde apenas começara a pregar, foi preso com todos os discípulos e cristãos. Tiago invocou no coração o socorro e a proteção da Santíssima Virgem, *que nesse tempo ainda vivia em Jerusalém* e Maria salvou-o, com todos os seus discípulos, por intermédio de Anjos. A Virgem Santíssima mandou-lhe por um Anjo a ordem de ir à Galícia, pregar ali a fé e depois voltar.

Vi Tiago, após a volta, em grandes tribulações, por causa de uma iminente perseguição e provação da comunidade cristã de Zaragoza. *Rezava numa noite à beira do rio, fora dos muros da cidade, junto com alguns discípulos, pedindo a Deus conselho, se devia ficar ou fugir. Lembrou-se também da Santíssima Virgem e suplicou: –Lhe que o ajudasse a pedir luzes e auxílio do Filho, que certamente não lhe negaria.*

O Pilar de Luz

Então vi subitamente aparecer por cima do Apóstolo um esplendor no céu e Anjos que entoavam um magnífico canto e transportavam uma coluna resplandecente, que da base projetava um raio fino de luz sobre um lugar, alguns passos distantes de Tiago, como para indicar esse ponto. A coluna tinha um brilho vermelho, era atravessada por muitas veias, muito alta e delgada, terminando em cima como um lírio, que se abre em línguas de luz, das quais uma ia longe, em direção a Compostela, a oeste, as outras, porém, para as regiões próximas. (Formando assim um pilar)

Nessa flor de luz, vi a figura da Santíssima Virgem em pé, como sempre ficava em vida na terra, durante a oração, toda branca e transparente, com um brilho mais belo e suave que o da seda branca. Estava de mãos postas, uma parte do longo véu cobria-lhe a cabeça, a outra parte, porém, envolvia-a até os pés, de modo que com os pés delicados e pequenos estava sobre as cinco pétalas da flor da luz. Era um quadro indizivelmente doce e belo.

Vi que Tiago, orando de joelhos, levantou os olhos e recebeu inteiramente de Maria a ordem de, sem demora, construir nesse lugar um templo, em que a intercessão de Maria se firmasse como uma coluna.

Ao mesmo tempo lhe anunciou a Virgem Santíssima que, depois de acabar a construção da Igreja, devia ir a Jerusalém, Tiago levantou-se, chamou os discípulos, que já tinham visto a luz e correram para junto dele e comunicou-lhes a *aparição milagrosa* e todos seguiam com os olhos o esplendor que ia desaparecendo.

Tendo executado em Zaragoza a ordem de Maria, Tiago constituiu uma comissão de doze discípulos, entre os quais também ho-



mens doutos, que deviam continuar a obra, que começara com tantas dificuldades e tribulações.

Em seguida partiu da Espanha para Jerusalém, como lhe ordenara a Virgem.

Nessa viagem visitou em Éfeso Maria, que lhe predisse a morte próxima, em Jerusalém, consolando e confortando-o. Tiago despediu-se de Maria e do irmão e continuou a viagem para Jerusalém, onde foi decapitado.

O corpo do Apóstolo São Tiago

O corpo do Apóstolo esteve algum tempo num sepulcro perto de Jerusalém. Quando, porém, se levantou uma nova perseguição, levaram-no alguns discípulos, entre os quais José de Arimatéia e Saturnino, para a Espanha. Mas a perversa rainha Lupa, que já antes perseguira S. Tiago, não quis permitir que o sepultassem ali.

“Os discípulos tinham posto o santo corpo sobre uma pedra, que sob ele formou então uma cavidade,

como um sepulcro. Sucedeu também que outros cadáveres, sepultados ao lado, foram lançados fora da terra. Lupa acusou os discípulos perante o rei, que os mandou prender; mas escaparam milagrosamente e o rei que os perseguia com cavalaria, passou sobre uma ponte, que desabou, morrendo ele com todos os companheiros. Lupa assustou-se tanto com esse fato, que mandou dizer aos discípulos que prendessem e atrelassem touros bravos num carro; onde estes levassem o corpo, ali poderiam construir uma Igreja. Esperava que os touros bravos destruíssem tudo. Um dragão opôs-se na região deserta aos discípulos, *mas morreu fulminado, quando fizeram o sinal da cruz*; os touros bravos, porém, tornaram-se mansos, deixaram-se atrelar ao carro e levaram o santo corpo ao castelo de Lupa. Ali então foi sepultado e o castelo transformado em Igreja, pois Lupa converteu-se, confessando a fé cristã, com todo o povo”.

No sepulcro do santo Apóstolo aconteceram muitos milagres. Mais tarde lhe foram transferidos os ossos para Compostela, que se tornou um dos mais afamados lugares de peregrinação. S. Tiago pregou cerca de quatro anos na Espanha.

A construção do Templo

Segundo uma antiga tradição, desde os primórdios de sua conversão, os cristãos primitivos ergueram *uma capelinha em honra da Virgem Maria, às margens do rio Ebro, na cidade de Zaragoza, Espanha.*

A capelinha primitiva foi sendo reconstruída e ampliada com o correr dos séculos, até se transformar na grandiosa basílica que



acolhe, como centro vivo e permanente de peregrinações a numerosos fiéis que, de todas as partes do mundo, vêm rezar à Virgem e venerar seu Pilar.

Muito para além dos milagres espetaculares, *a Virgem do Pilar é invocada como refúgio dos pecadores, consoladora dos aflitos, Mãe da Espanha.*



Sua ação é sobretudo espiritual.

A devoção ao Pilar tem uma enorme penetração na Ibero-américa, cujos países celebram o dia do descobrimento de seu continente a 12 de outubro, isto é, no dia do Pilar.

A Basílica fica aberta o dia inteiro, mas nunca faltam os fiéis que chegam ao Pilar em busca de reconciliação, graça e diálogo com Deus.

É popular na Espanha, especialmente a região de Aragon, a jaculatória:

"Bendita seja a hora em que a Virgem veio em carne mortal a Zaragoza".

O Papa João Paulo II

O Papa João Paulo II, por duas vezes escolheu este santuário como primeiro passo de suas viagens à América Latina: em 1979, para assistir à Conferência de Puebla e em 1984 para inaugurar as comemorações do V Centenário do descobrimento e o início da evangelização na América.

O Papa dizia nessa basílica, citando Puebla: *"Ela (Maria) tem que ser cada vez mais a pedagoga do Evangelho na América Latina"* (Puebla, 290). *"Sim, continua dizendo o Papa, a pedagoga, a que nos conduz pela mão, que nos ensina a cumprir o mandato missionário de seu Filho e a guardar tudo o que Ele nos ensinou. O amor à Virgem Maria, Mãe e Modelo da Igreja, é garantia da autenticidade e da eficácia redentora de nossa fé cristã"*.



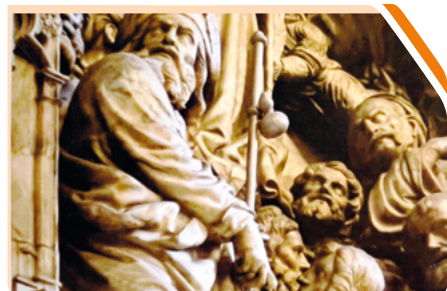
A obra *Regina martyrum* (Rainha das mártires) na cúpula central da basílica do Pilar em Zaragoza/Espanha. Pintura magistral de Francisco Goya por volta do ano de 1780



O Coro Maior em estilo gótico abriga 127 assentos contendo maravilhosas esculturas entalhadas em carvalho flamengo



A Basílica do Pilar abriga seu tesouro mais precioso, a capela santa com a coluna sagrada de jaspe sustentando a Virgem. No nicho à esquerda temos as esculturas de São Tiago e sete convertidos



Escultura do Apóstulo Tiago na Basílica do Pilar em Zaragoza – obras de Damian Forment



A magistral obra do pintor Francisco Goya intitulada *"Adoracion del nombre de Dio"* (Adoração ao nome de Deus) localizada sobre o Coreto



A basílica do Pilar exala o emblema da cidade em sua silhueta, suas cúpulas e pináculos a tornam um reflexo colossal do céu e um símbolo universal do cristianismo Mariano



Na capela de Santana o renomado escultor Antônio Palao demonstrou sua maestria na obra central *"Santana ensinando Maria a ler"*. Nas laterais temos São João de Deus e São Francisco de Paula



CAPELA DE SÃO JOSÉ – Esta capela está reservada ao abrigo e adoração do Santíssimo Sacramento, acima do altar temos o sacrário de prata do século XVII – a peça mais valiosa da capela. Acima temos São José com seu bastão. No lado direito temos a escultura de S. Pedro de Verona



Capela de São Tiago na Basílica do Pilar em Zaragoza



A Basílica do Pilar em Zaragoza foi construída entre os séculos XVII e XVIII, à margens do rio Ebro, sendo o maior templo barroco da Espanha



O Pilar – "A columna" símbolo religioso do início da vida cristã na Espanha. Uma tradição milenar que une em MARIA as tradições religiosas e culturais de um povo

Consagração a Nossa Senhora do Pilar

Virgem Imaculada! Minha Mãe! Maria!

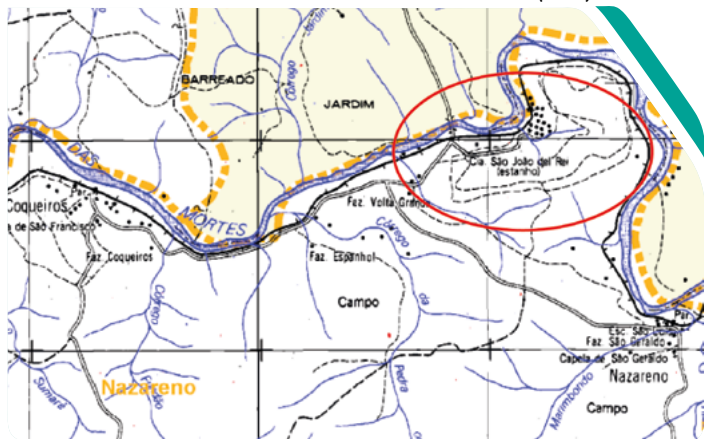
Eu vos renovo, hoje e para sempre a consagração de todo o meu ser para que disponhais de mim para o bem de todas as pessoas.

Somente vos peço, minha rainha e mãe da igreja, força para cooperar fielmente na vossa missão de trazer o reino de Jesus ao mundo.

Ofereço-vos, portanto, Coração Imaculado de Maria, as orações e os sacrifícios deste dia, para que fiéis à nossa consagração, sejamos igualmente disponíveis a colaborar convosco na construção de um mundo novo, ó Maria concebida sem pecado! rogai por nós que recorremos a vós e por todos quantos recorrem a vós, de modo particular as famílias de nossa comunidade paroquial, que vos venera com o título de Senhora do Pilar.

Salve Rainha...

FONTE: MAPA IBGE (2010)



FONTE: GOOGLE MAPS



CAPELINHA E O ESTANHO DOS FRANCESES

Por Fabio Antônio Caputo

Durante uma conversa acontecida na cozinha da Vó Nanhá do Sapecado, quando ainda eramos jovens, meu primo Isaias Caputo, de Capelinha, filho do Jafé e Tia Geralda, dizia que as crianças daquela localidade tinham a pele em um tom avermelhado como argila. Justificava que a razão para isso estava na vida solta e livre das crianças brincando na natureza, geralmente usando roupas curtas e sem camisa, visitando os cursos d'água e as margens do Rio das Mortes e sempre em contato com a poeira e o solo da região, também avermelhado, rico em minerais como se sabe a mais de cem anos, que entrava em seus corpos.

O estanho, metal derivado da cassiterita, trabalhado como artesanato fino pertence à história da região do entorno de São João del Rei, principalmente a partir dos anos 60 por iniciativa do antiquário John Sommers. Expectativas otimistas sobre a capacidade mineradora da região já existiam desde a primeira metade do século XIX, vindo a se consolidar no decreto presidencial número 42169 de agosto de 1957, assinado por Juscelino Kubitschek, especificando que "fica autorizada a Companhia de Estanho São João del Rei a pesquisar cassiterita, tantalita e associados, em terrenos de propriedade de Januário Batista do Nascimento e outros, no lugar denominado Córrego do Teixeira, distrito e município de Nazareno". Apesar de ser em outro município, era bem pertinho de Capelinha, dava para contar em metros, a uma distância de umas boas braçadas de natação, se o Rio das Mortes permitisse.

Os anos 60-70 são representativos da época em que a Companhia de Estanho de São João del Rei atingiu o seu auge como empresa mineradora, importante economicamente e em termos de números de produção. O relatório preliminar "NIOBIUM (COLUMBIUM) AND TANTALUM – RESOURCES OF BRASIL" elaborado por Max G. White, em uma análise de pesquisa geológica dos Estados Unidos, relata na página 27: "The principal production from São João del Rei district is from the Nazareno pegmatite at Volta Grande near the Rio das Mortes mined by the Companhia de Estanho de São João del Rei". A simplicidade do inglês técnico dispensa a tradução, mas transmite o sentido de importância daquela estrutura.

A Companhia de Estanho São João del Rei, atuando na Mina de Volta Grande, fez parte de uma holding controlada pelas instituições financeiras Banc de France e Banco da Indochina, provavelmente a origem da expressão mina dos franceses. Os dois principais executivos eram o presidente, Roger Maurice Martin, francês, e o diretor, Pierre Cartianu, de nacionalidade romena.

O senhor Roger Maurice Martin era um engenheiro civil de minas, alto funcionário do Banc de France, casado com a francesa Sra. Hugette Martin, tendo dois filhos, Fredy e Perry. A ponte construída para interligar São Tiago a Nazareno, sobre o Rio das Mortes nas proximidades do Povoado do Germinal,

por decreto de lei estadual de 1973 foi batizada como "Ponte Engenheiro Maurice Martin" em sua homenagem.

Por sua vez, Pierre Cartianu, um refugiado da 2ª grande Guerra Mundial, feito prisioneiro pelos alemães e depois forçado a lutar pelo exército de Hitler, foi casado com a também romena Sra. Mimi Cartianu, tendo dois filhos, Ted e Dan.

Pierre Cartianu era interessado por iatismo e outros esportes náuticos, o que o levou a vislumbrar oportunidades de negócios no ramo de turismo fundando o late Clube de Camargos, na represa de mesmo nome. O empreendimento não vingou sendo repassado e hoje é conhecido como Balneário Riviera Real. Depois, participou da vida política sendo vereador na Câmara Municipal de Nazareno na legislatura de 1977-1982. Em Nazareno, a concorrida rua onde hoje está localizado o Parque de Exposições, leva o seu nome.

As instalações dessa planta operacional, além do aparato mecânico e de processos para extração, movimentação, beneficiamento e embarque do minério, segundo o Boletim Sabores e Saberes (nº XV, de dezembro de 2008), "dispunha de sólida estrutura operacional, material e humana enfatizando-se: oficinas mecânica e elétrica, carpintaria, almoxarifado, galpões para estocagem, frota de veículos leves e caminhões, escritório, pequeno supermercado, mais de cem casas residenciais com aproximadamente 300 funcionários...". Além disso, existia uma balsa para a travessia do Rio das Mortes, interligando-a a Capelinha e São Tiago por um caminho antigo. O Senhor José Antônio do Rosário, o Dé filho da Conceição do Maeca, era operador de trator ou escavadeira naquela mineração e numa travessia de balsa ele e um desses equipamentos embarcados caíram no rio, sem mais consequências, pois sabia nadar. Ainda perto deste ponto existiam um campo de futebol e o alojamento para os trabalhadores não especializados, onde estes eram acomodados e faziam suas próprias refeições.

Quanto à parte residencial, eliminada pelo aumento da cava de exploração como observado na comparação do mapa com a vista do satélite, apresentava detalhes interessantes e inesperados. A casa principal, a Sede, numa reminiscência das grandes fazendas, era onde se hospedava o Senhor Maurice Martin quando não estava no Rio de Janeiro ou Paris. O Senhor Pierre Cartianu se dividia entre uma residência em São João del Rei e outra boa casa na mineração. O senhor Jasminor Simões Coelho, figura importante e reconhecida em toda região, casado com Dona Odete Caputo, irmã do famoso Senhor Caputinho, possuía a cargo de gerente regional também tinha a sua disposição uma casa para passar temporadas na mineração, principalmente quando Sr. Maurice estava presente. Chegaram a ficar íntimos e amigos, tanto que o Jasminor e Odete apadrinharam um dos filhos do francês. Dizem que essa aproximação com os franceses refinou os gostos e reforçou regras de comportamento e etiqueta para o casal mineiro, para o temor constante da parentada simples. A parte residencial contava ainda com uma piscina onde os filhos dos diretores se socializavam com visitas dos funcionários mais graduados. Inesperadamente também era presente um viveiro de pássaros e uma

escola. A professora Terezinha Sacramento Viriato, cantora e instrumentista da Lira Sanjoanense conta em suas memórias que por 15 anos ensinou os filhos de funcionários da empresa.

Algumas relações sociais peculiares ocorriam entre a companhia de estanho e os municípios vizinhos. As excursões estudantis, aquele misto de viagem de passeio e aprendizado distraído aconteciam rumo à mineração. Muitos possuem a lembrança de que em uma dessas a professora Senhora Delza Assis ensaiou com extrema dedicação uma turma de alunos do Colégio Santiaguense para que estes cantassem a Marselhesa, uma marcha considerada o hino nacional da França, para homenagear o Senhor Martin. Depois que “Allons enfant de la patrie...” e todo o resto foi entoada com furor juvenil peculiar pelos estudantes o francês foi sensibilizado e se emocionou.

A companhia mantinha um time de futebol considerado muito bom, usando o nome abreviado de Cestanrei. Existem relatos de um jogo realizado em São Tiago, em um evento festivo ou algo parecido, entre o Cestanrei e o time do Batalhão de Infantaria de São João del Rei. As poucas informações ouvidas atestam a qualidade dos adversários e o caráter diferenciado da disputa.



Fonte: Facebook; estudantes de São Tiago na balsa

A EFOM – Estrada de Ferro Oeste de Minas foi uma ferrovia inaugurada em 1881, sob a tutela do governo mineiro, criada com o objetivo ambicioso de interligar o Rio de Janeiro, a corte, com o sertão de Minas Gerais tendo São João del Rei como ponto central de referência administrativa e comercial. A linha turística de São João del Rei a Tiradentes faz parte do pouco que restou do empreendimento no Campo das Vertentes. Em 1931 a EFOM foi incorporada à RMV – Rede Mineira de Viação, que funcionou até 1965. O trecho de linha férreo que partia de São João del Rei para o oeste, Lavras, Oliveira, Pitangui e além, atendia também a cidade de Nazareno. Seu traçado, aproveitando a topografia amigável das margens do Rio das Mortes, fazia uma alça que envolvia a Mina de Volta Grande em uma espécie de abraço. Um ramal da RMV atendia à mineração embarcando o minério. A Mina estava localizada entre duas estações: a de Nazareno e a de Coqueiros, que foram desativadas. A estação de Coqueiros possuía a mesma arquitetura da Estação de César de Pina, nas Águas Santas, e teve seu conjunto tombado. As pessoas que ali viviam e trabalhavam utilizavam a ferrovia como possibilidade de transporte, principalmente nos deslocamentos para as cidades próximas.

Hoje, as operações da Mina de Volta Grande estão a cargo da AMG Mineração. Em certo momento não detectado em pesquisas rápidas na internet uma sua antecessora, provavelmente a MIBRA – Mineração Minas Brasil, assumiu o controle. Depois, em um contexto somente acessível a entendidos, um jogo de incorporações, fusões, divisões e troca de nomes envolvendo a própria MIBRA, a CIF – Companhia Industrial Fluminense e o Grupo Metallurg, fez emergir a AMG como o empreendimento chefe, de alcance mundial, com poderio econômico e posição de destaque nos setores de mineração e químico-metalúrgico. É significativo e próprio destes novos tempos que quase nem mais se fala da cassiterita, o principal minério do estanho. A AMG instalou entre Nazareno e São Tiago sua Unidade de Minerais Críticos, com foco em Espodumênio (Lítio), Tântalo, Feldspato, exemplos de terras raras de alto valor estrat-



Fonte: diariodocomercio.com.br; instalações AMG em Volta Grande

tégico, sem esquecer o velho estanho em lingotes.

A mineração é uma atividade econômica complicada e polêmica por sua capacidade de carregar no mesmo balaio promessas de progresso para o futuro ao lado de sérios problemas sociais e ambientais, principalmente quando se aproxima de pequenas e médias comunidades. Parece que no geral o convívio com o vizinho minerador fez bem a Capelinha. A maioria absoluta dos empregos disponibilizados para o distrito se originam da atividade mineradora, o comércio aquece e o setor imobiliário se fortalece. A visibilidade adquirida também é importante como moeda de troca nas demandas por melhorias. Interessante não se ouvir referências ao lado negativo, mesmo à boca pequena. Resta somente um probleminha, mais uma dor de cotovelo: caso a mina fosse localizada na margem do lado de Capelinha, um pulinho, toda uma massa de impostos seria arrecadada para São Tiago!

Respeitando a cartilha que orienta empresas de setores sensíveis na melhoria de suas relações com as comunidades, a AMG, como instituição, viabiliza ações sócias e econômicas de contato e auxílio com seus vizinhos geográficos. Ela já realizou investimentos na APAE de São Tiago, promove iniciativas de apoio ao empreendedorismo da região e em parceria com o Athletic Club de São João del Rei e as Prefeituras de São Tiago e Nazareno mantém um projeto que viabiliza escolinhas de futebol.

Capelinha ou Mercês de Água Limpa? Capelinha é uma referência longínqua à Capelinha das Mercês, no povoado de formação da localidade. É um nome forte, muito utilizado, bem enrustado no inconsciente coletivo. Já Mercês de Água Limpa é o nome assumido e tornado oficial pela lei estadual de Minas Gerais de 1953 que criou o distrito, substituindo a antiga denominação de Vila da Água Limpa. Não há registro da preferência da população local a respeito desta escolha, mas seja qual for, é soberana. Entretanto eu particularmente prefiro Capelinha: quando pretendo visitar Capelinha digo que vou visitar Capelinha. O nome Capelinha, além do mais, possui um estilo e apelo próprio que casa bem com o espírito das memórias, presente quando se fala algo como: “próximo à Capelinha existia a Mineração dos Franceses”!



Fonte: estacoesferroviarias.com.br; Estação de Coqueiros

AO PÉ DA FOGUEIRA



E O CAPETA NÃO ERA TÃO FEIO ASSIM!

Nas proximidades de São Tiago Seu Américo estava com seu jovem neto na lida de uma plantação de mandioca que garantiria a produção de polvilho e as raspas para alimentar os porcos quando se aproxima um cavaleiro. Homem e animal bem paramentados, do chapelão na cabeça ao facão dependurado no arreio até os apetrechos de montaria de boa qualidade, com os metais polidos e brilhantes. Pede licença e pergunta se aquele era o caminho para a casa de certo senhor Américo e se tinha chance de encontrá-lo na propriedade. Sem tirar o olho da enxada que em nenhum momento parou de trabalhar o lavrador responde que o caminho era aquele mesmo e provavelmente essa pessoa lá estaria.

O garoto, de olhos arregalados, não entendia a mentira por omissão do avô, mas nada podia dizer ou perguntar por respeito calçado em diferença de idade e autoridade familiar. Pouco depois os dois se dirigem a um ponto mais alto da estradinha, em cima de um barranco, que permitia avistar a fazenda, o cavaleiro chegando, encontrando com a esposa do Seu Américo voltando da manga de porcos onde foi levar água e ração. Pergunta pelo marido e ela responde que ele estava tirando uma tarefa na roça, logo ali, não sabendo como o cavaleiro não o encontrou pelo caminho.

Rapidamente Seu Américo estava retornando e após cumprimentos formais foi logo explicando que no encontro anterior não respondeu corretamente ao visitante por que este o desconsiderou, não acreditando que um simples lavrador seria a pessoa que queria encontrar. Felizmente o clima não ficou pesado e o cavaleiro justificou que veio de muito longe especialmente para procurar um famoso construtor de carros de boi de alta qualidade. Com orgulho e satisfação o proprietário reconheceu ser a tal pessoa e que sim, ele tinha dois carros de boi "arriados", completos e prontos esperando negócio, para oito ou dez juntas, inclusive com bois pretos ou brancos. O cavaleiro declara que queria um carro para oito juntas, com boi preto, pois este tem a pele com melhor saúde e pega pouco berne. Ficaram a conversar por muito tempo, fechando os termos da transação, meios, valores e prazos, falando da vida, trocando expe-

riências e depois de uma refeição o homem afirmou a necessidade de ir embora. Seu Américo fala para a esposa que acompanhará a partida da visita até pisar na cabeça, ou, quando ao meio dia, sol a pino, a sombra de sua cabeça começar a se embaraçar com seus pés.

Algumas coisas da vida não têm explicação e assim aqueles dois homens tão distintos e de lugares tão distantes, estranhos um ao outro, foram amigos pelo curto período de poucas horas. O cavaleiro nunca retornou e nada mais sobre ele nunca se soube.

Muitos anos depois um dos filhos de Seu Américo, numa encruzilhada de decisões da vida, vende umas terras suas em São Tiago e compra outras em Santo Antônio do Amparo. Negócio imperdível, valor barato, oportunidade rara. Despede-se do pai e parte para seu novo destino onde muita coisa, algumas reformas e outros preparativos, seriam necessários antes da mudança.

Encontra com o vendedor que o acolhe bem e depois de um tempo de prosa confessa que realmente vendeu as terras por um valor baixo por que tinha problemas de relacionamento com um vizinho, um homem difícil, um Capeta, que dificultava até assuntos simples como consertar tapumes e manter as cercas de divisa. O filho do Seu Américo conclui que poderia conviver com aquilo, tinha muita madeira e moirões para trabalhar e serviço não o assustava.

Toma a decisão de visitar o futuro vizinho, se apresenta, informa de onde veio e qual era a sua família e pergunta se o homem que o recebe poderia ceder por aluguel um carro de boi com camaradas para início dos serviços necessários para viabilizar sua mudança.

O homem declara que não alugaria o carro e a mão de obra. Ofereceria o pedido como empréstimo de boa vontade, sem custos, e dividiria as despesas de cercas e tapumes. Surpreendentemente relatou que conhecia o pai do santiaguense e a sua fazenda, onde dele havia comprado um carro de bois, e que de um modo especial o tinha como uma espécie de amigo, merecedor de sua consideração pessoal guardada nas memórias.

E o Capeta não era tão feio assim!

Fabio Antônio Caputo

Realização:



Apoio:

